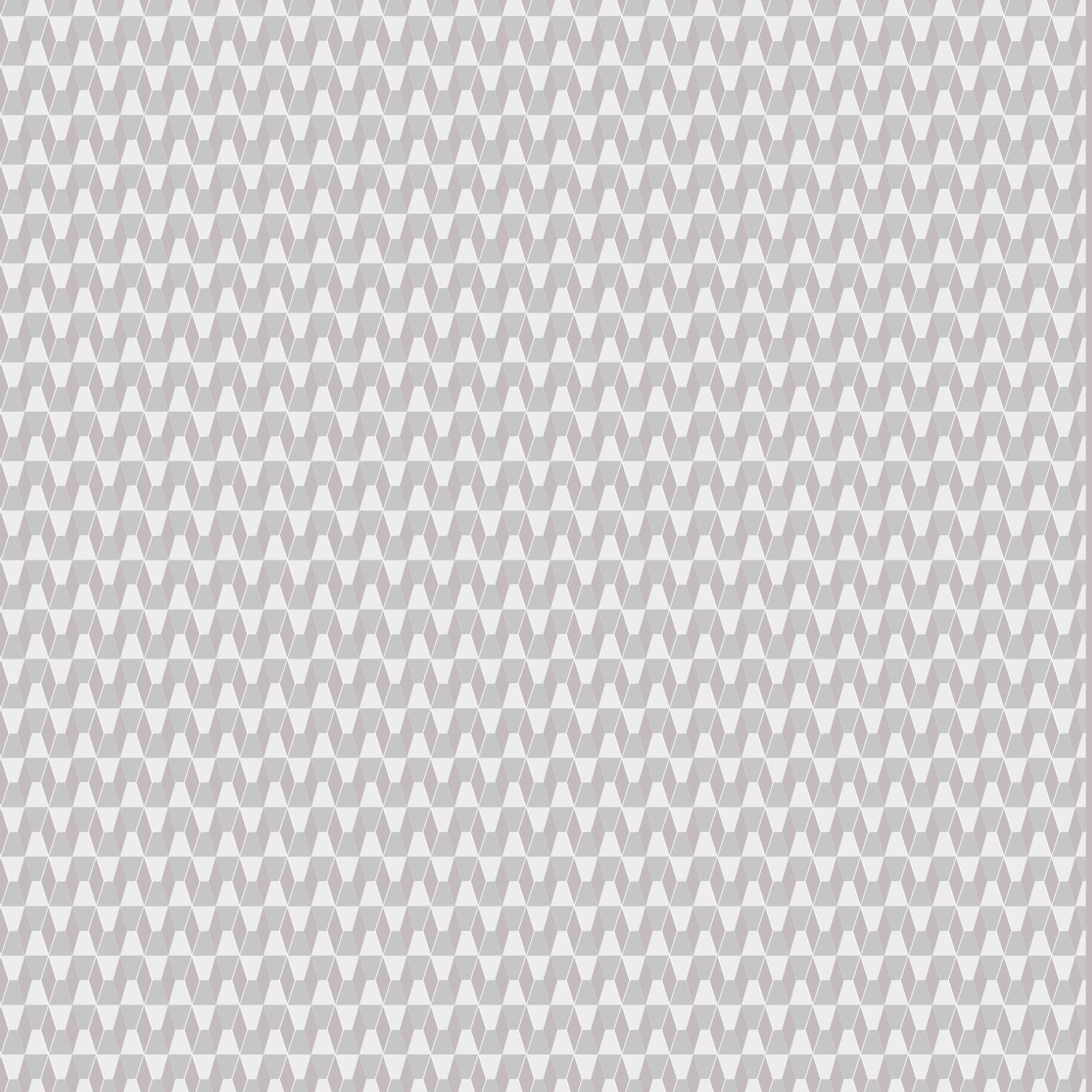
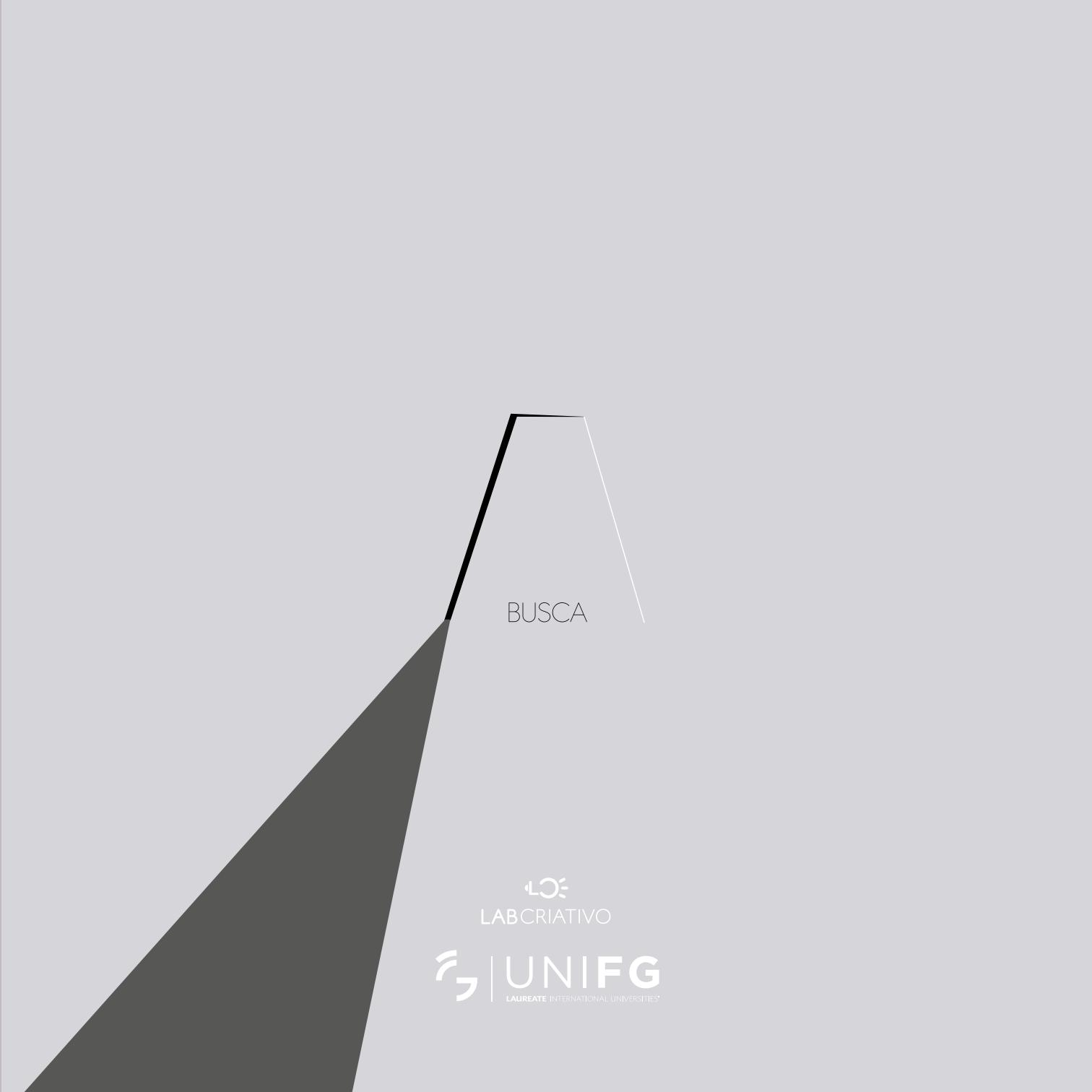


BUSCA





BUSCA

LOE  
LABCRIATIVO

 UNIFG  
LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

# FICHA TÉCNICA

IDEALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

**MARÍLIA DE ORANGE**  
**MARCOS SOUZA FILHO**

REVISÃO

**MARIA HELENA MONTEIRO**

ILUSTRAÇÕES

**RAPHAEL FREITAS DE SOUZA**

DIAGRAMAÇÃO

**MARCOS SOUZA FILHO**  
**LAB CRIATIVO UNIFG**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Busca [livro eletrônico] / organização Marília de Orange e Marcos Souza Filho. -- 1. ed. -- Jaboatão dos Guararapes, PE : Marília de Orange Uchôa da Fonseca; Marcos Roberto Tenório de Souza Filho, 2021. PDF

ISBN 978-65-00-17239-3

1. Arte 2. Artes 3. Artes visuais 4. Diários  
5. Fotografias 6. Isolamento social I. Orange, Marília de; Tenório, Marcos.

21-56448

CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

# ÍNDICE

BUSCA	8
<b>DIÁRIOS DE QUARENTENA</b>	
BRENO RODRIGUES	13
ALICE MELO	17
WINNY MATOS	21
VITÓRIA LACERDA	25
MARIA EDUARDA	29
BRUNA DIAS	33
CAMILLA FERRAZ	37
FELIPE LIMA	41
FERNANDO XAVIER	45
<b>CRÔNICAS DA QUARENTENA</b>	
ATÉ AMANHA... SE HOVER UM <i>ERICK RODRIGO DA SILVA</i>	51
DO OUTRO LADO DA JANELA <i>MARIA ISABELLA VIEIRA CAMARGO</i>	61
ESSA LAPADA DOEU <i>YURI NERY</i>	67
ISOLAMENTO: A SOLIDÃO EM HABITAR ESPAÇOS <i>LETÍCIA FERREIRA</i>	75
PUÉRPERA: AS CAMADAS DE UMA MÃE EM DUAS QUARENTENAS <i>DHARMA CAVALCANTE</i>	81
RELATOS DE UMA QUARENTENA FORÇADA E NADA DESEJADA, MAS NECESSÁRIA <i>ARYAGNE TAWANE</i>	87
UM OLHAR ADENTRO DO PANDEMÔNIO <i>LUIZ ALENCAR</i>	103
UMA MÃE E OS SEUS EM TEMPOS DE PANDEMIA <i>RENATO ALMEIDA</i>	107



# A BUSCA

Surgiu da necessidade de compartilhar com o mundo os trabalhos dos alunos e professores, da Escola de Comunicação da UNIFG, realizados no período do isolamento social e do ensino remoto ocasionados pela pandemia da COVID-19.

O livro é composto pelos Diários da Quarenta produzidos pelos discentes das disciplinas de fotografia, ministradas pela professora Marília de Orange, por textos redigidos por alunos dos cursos da Escola de Comunicação e orientados por Maria Helena Monteiro e por ilustrações realizadas pelo professor Raphael Freitas. São imagens que falam sobre as buscas que nos movem. Amor, felicidade, realizações, afetos, solidão... Buscas.

**Que este livro possa ser refúgio e esperança para todos que sonham e buscam.**

# BUSCA

Um dia, tive um sonho!  
Tudo era perfeitamente real,  
Entre meu pensamento e Eu.

Sonhei que alguém viria,  
Com ares de nada querer.  
Nele, tudo era o meu Sonho,  
De viver, Morrer e "Ser".

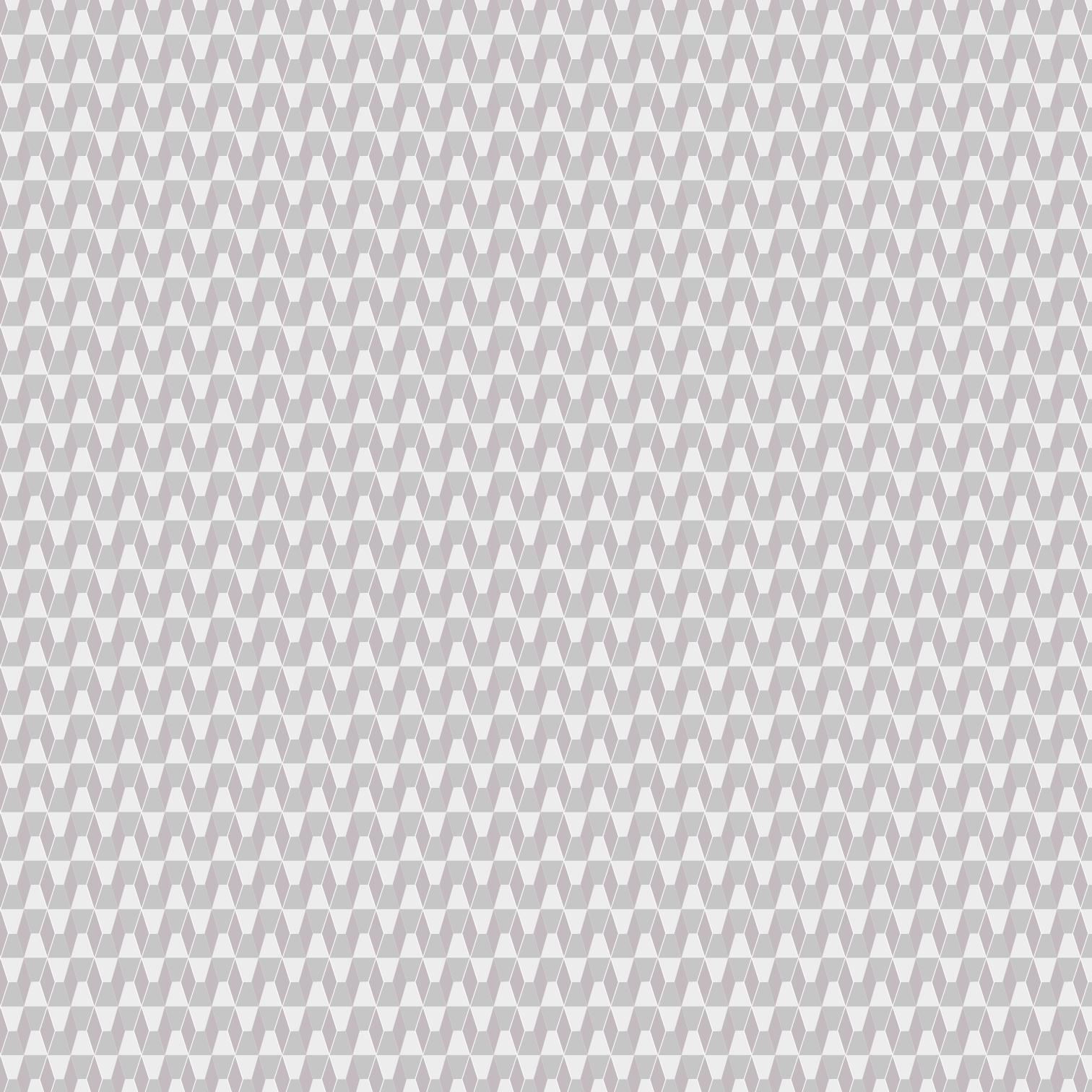
Era como se fosse a madrugada,  
Chegando lenta.  
E, com seus raios  
Me iluminando inteira.  
Sentia o vento batendo em meu rosto.

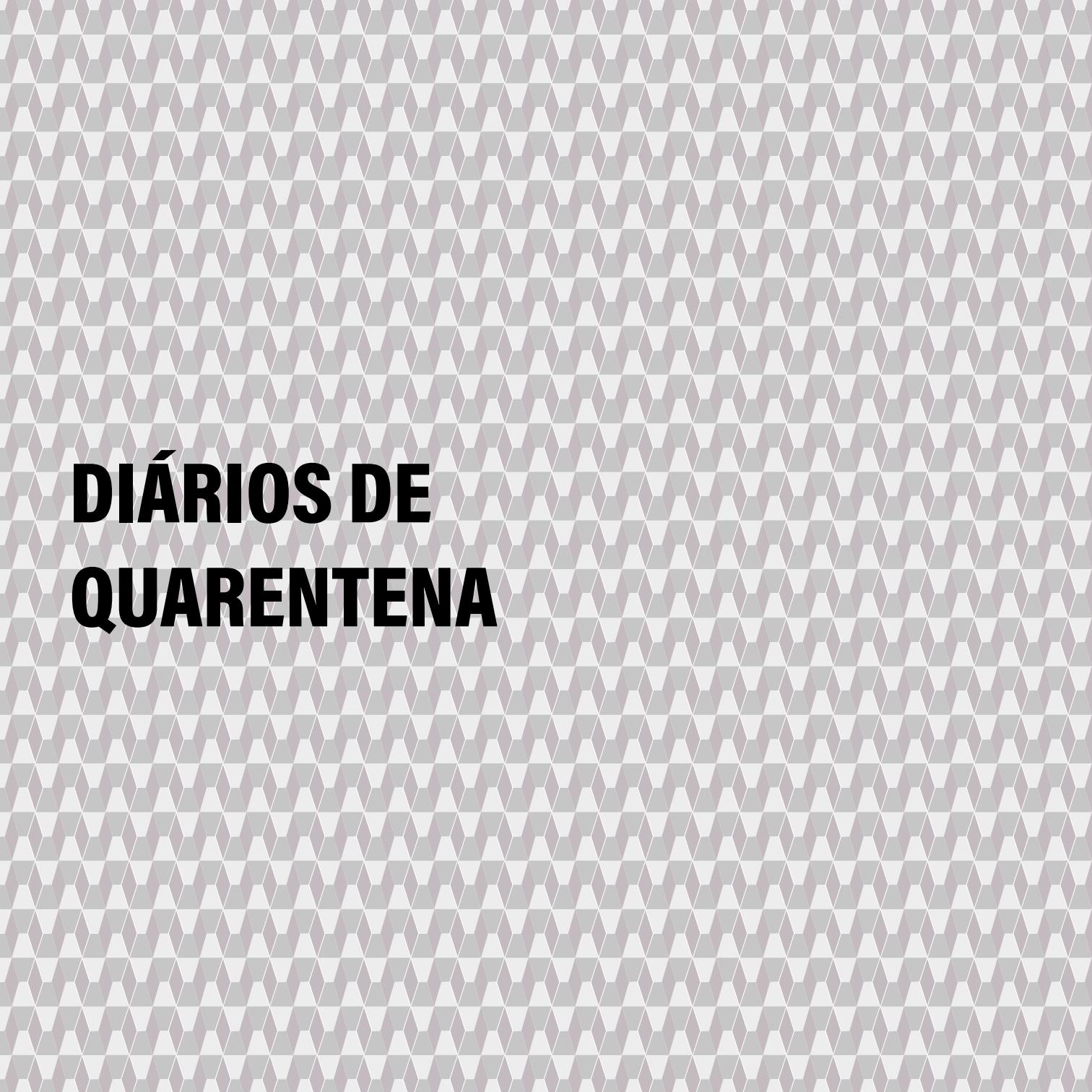
Neste Sonho, vagabundeei, com  
Os vagabundos.  
Descobri vários segredos,  
Várias verdades,  
algumas inverdades.  
Entre a realidade  
Que vivia, e o Sonho  
Que buscava,  
Tudo se passava.  
Até o telefone se tornara  
Um grande Amigo.

Até que... nenhuma comunicação.  
Apenas um toque,  
Um alento,  
O Sonho se realizou,  
Era você chegando!  
Como na canção do Alceu,  
"Lá vem chegando o verão".  
Foi assim que percebi  
Que entre,  
A realidade e o Sonho,  
Existe apenas uma coisa:  
A BUSCA.

Sandra Orange  
(Recife, 22 de abril de 1988).



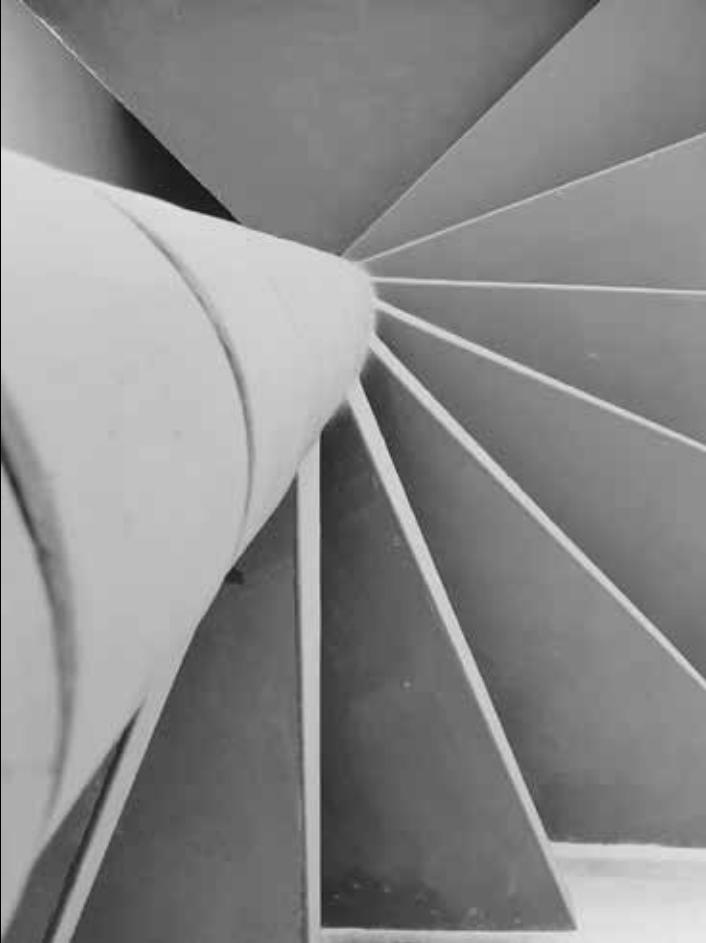




# **DIÁRIOS DE QUARENTENA**



## BRENO RODRIGUES



Considerando a proposta da professora Marília, relato que procurei construir uma narrativa que entregasse as experiências e lições absorvidas durante o período de exploração. É importante observar que estamos passando por um período de isolamento onde, conseqüentemente, somos muitas vezes colocados em posição monótona e melancólica, passando por momentos de autorreflexão e introspecção. Esses períodos, às vezes, se revelam enriquecedores, mas também podem ser gatilho para a ansiedades e outros males que o ócio pode provocar. Trabalho, estudo, música e outras atividades muitas vezes se revelaram insuficientes, e o exercício de fotografar foi o refúgio de que precisava. Com a mudança da rotina da qual fomos abruptamente retirados, mudamos também nosso jeito de enxergar. Vi com outros olhos o que muitas vezes já era corriqueiro, me colocando na posição de um observador ativo. Aprendi na disciplina que com a fotografia enxergamos: enxergamos que um espinho de uma planta não é mais um mero espinho, ele tem textura, cor (até degradê), forma; que na superfície da água pode existir o reflexo de uma folha caída, etc. Percebi na fotografia o poder de pausar, e ele vai além da cena registrada.

Nós também pausamos, desaceleramos, observamos. Agachar, levantar, mudar o ângulo, percorrer o cenário se mostraram ações gratificantes quando visto o resultado através da tela do celular.

A fotografia me inspirou e transformou!





**RUMO AO FIM DO MUNDO**

pet.  
www.pet.com.br



## ALICE MELO

Meu diário é uma explosão de sentimentos. Fotografar me faz sentir, rememorar, dar forma a saudade e querer viver mais. A fotografia transformou o meu olhar e se tornou minha terapia.







SE J A M  
★ B E M ★  
V I A D O S



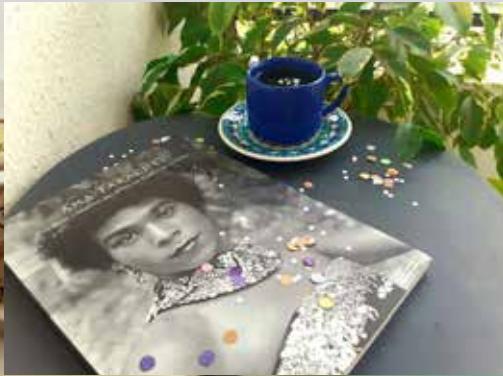


## WINY MATOS

De imediato a criatividade não surgiu. Fiquei um pouco (na verdade, bastante) frustrado, mas logo percebi que eu estava esperando um momento acontecer para que eu pudesse fotografar. Então eu percebi: eu precisava fazer as coisas acontecerem!

Montei cenários com meus livros, o café inseparável, os filmes de fim de tarde com pipoca, meu marido.

Percebi, então, que meu olhar foi tornando as coisas mais poéticas. A fotografia tem esse poder!







## VITÓRIA LACERDA



A pandemia nos obrigou a mudar  
nossas rotinas.

A fotografia me convidou a  
mergulhar no meu  
infinito particular.





A BUSCA

**VITÓRIA LACERDA**





## MARIA EDUARDA

A experiência do isolamento tem sido conflitante. São muitas as possibilidades de olhar o mundo ao nosso redor, buscar novos significados. O diário me permitiu explorar as infinitas possibilidades do meu olhar sobre o mundo.





A BUSCA

**MARIA EDUARDA**





## BRUNA DIAS

No meu diário quis mostrar um pouco das atividades que realizei diariamente nessa quarentena. A experiência foi muito interessante, pois me fez ter uma nova perspectiva sobre as coisas:

a beleza de uma caminhada, o acordar, admirar minha mãe no quintal, observar meus irmãos.

A fotografia me mostrou que é possível eternizar as lembranças e os sentimentos.









## **CAMILLA FERRAZ**

Um pequeno conto da  
minha rotina.





A BUSCA

**CAMILLA FERRAZ**

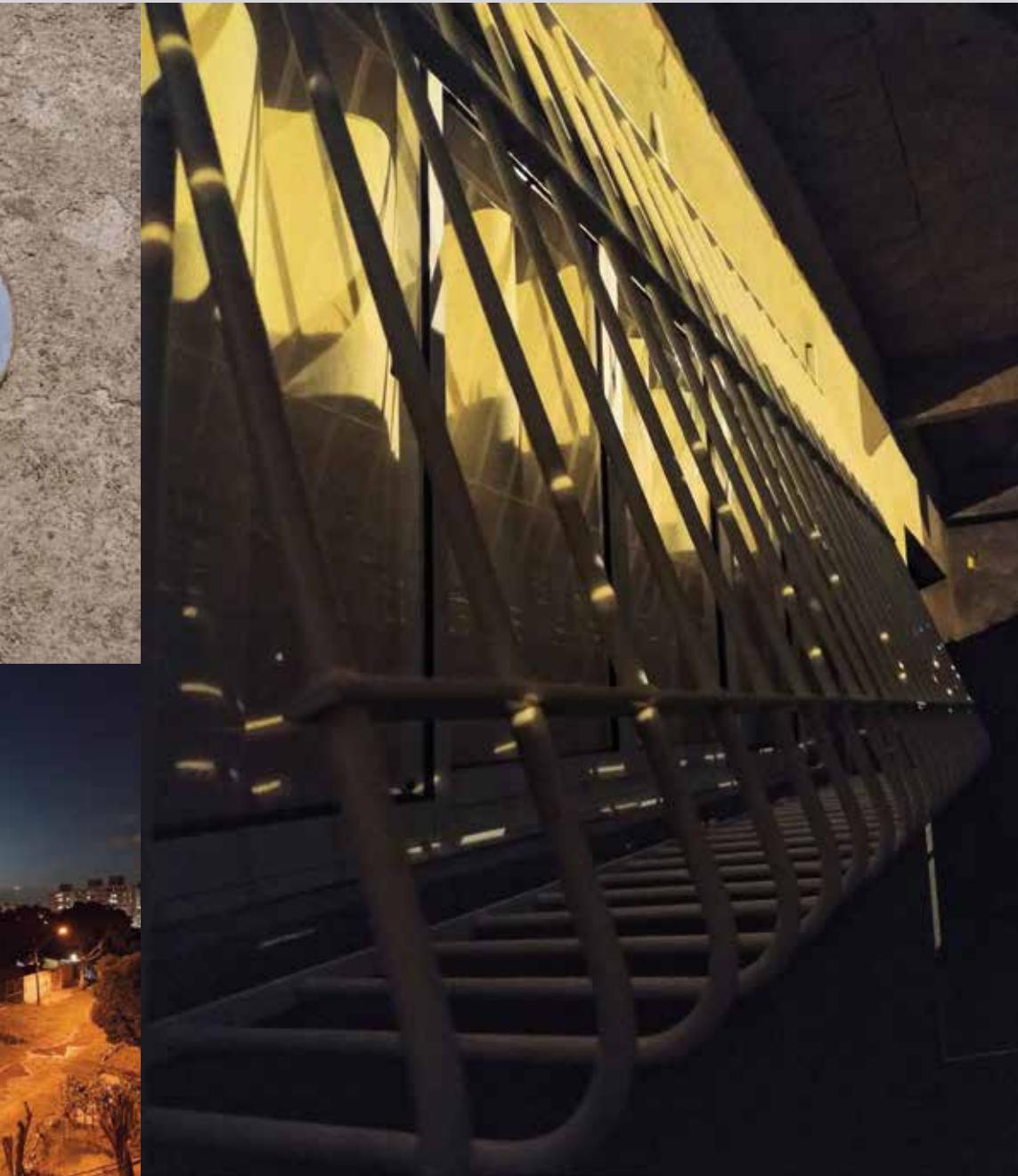




## FELIPE LIMA

Estamos em um momento muito delicado, de muito estresse. Passar horas sentado na frente do computador, numa rotina maçante e cansativa tem sido extremamente difícil. Durante a construção deste diário, pude aliviar um pouco a tensão, andando pela minha casa e aguçando meu olhar crítico e observador, procurando cantos e objetos que poderiam render bons registros e dar um novo olhar a simples detalhes como sombras, luzes e reflexos.





A BUSCA

**FELIPE LIMA**

43



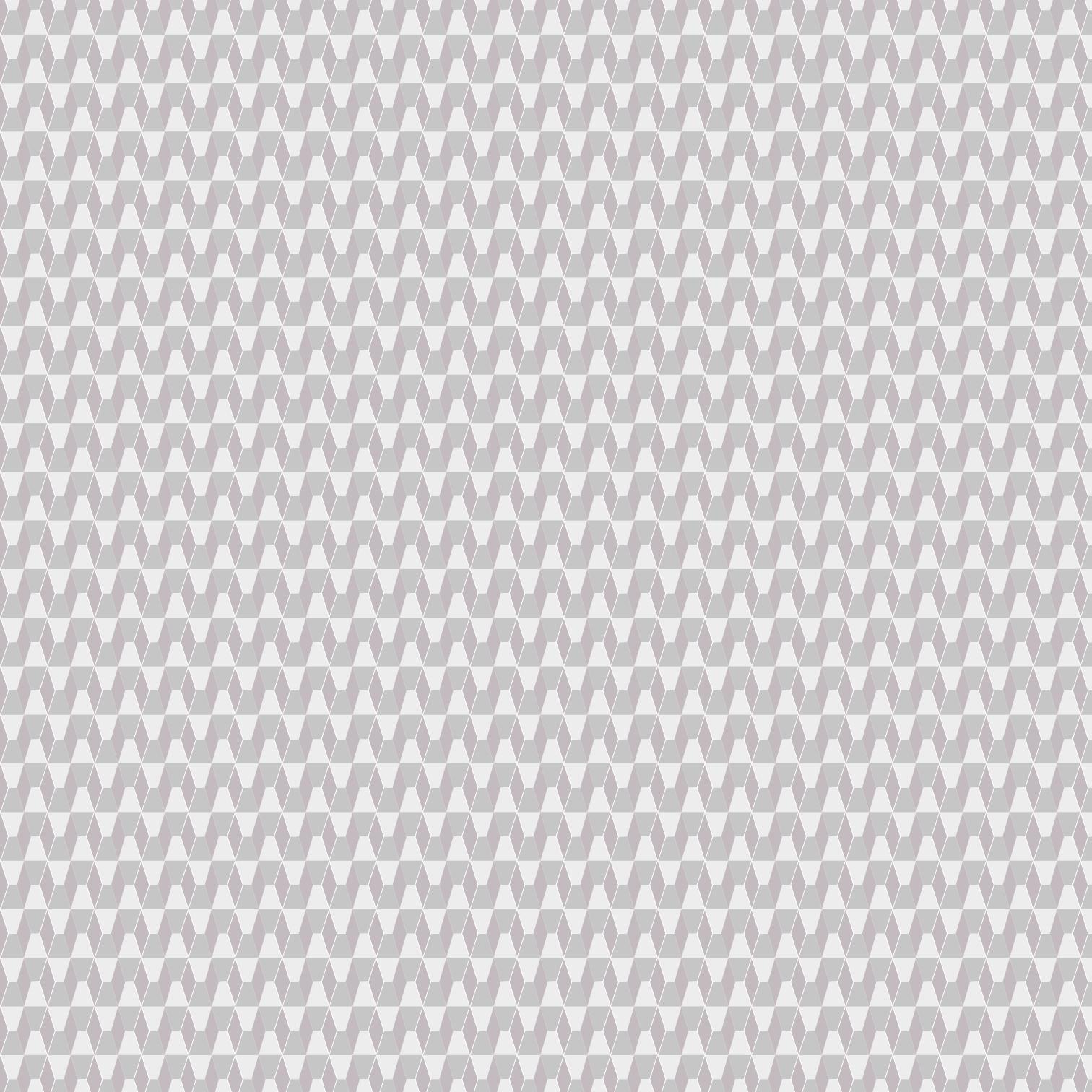


## **FERNANDO XAVIER**

No meio de um grande loop causado pela rotina comum, começo a reparar em detalhes do meu dia-a-dia, pequenos, mas que trazem uma beleza que é de acalantar o coração, dar um respiro pra minha própria mente e finalmente achar um pouco de esperança no meio de tanto caos.









# **CRÔNICAS DA QUARENTENA**



Royal

# ATÉ AMANHA... SE HOVER UM

**ERICK RODRIGO DA SILVA**

## **AGORA**

**M**eus olhos se recusavam a abrir, e com toda a razão, afinal de contas ainda são 4h55 da manhã e eu não consigo dormir de maneira decente a mais de duas semanas. Na minha cabeça, um amontoado de sons diferentes me fazia rolar pela cama tentando encontrar formas de não me importar com eles e não atrapalhar o meu sono. Gritos, risadas, gotas grosseiras de chuva se chocando contra as janelas. Para você ter uma ideia, nem o truque do travesseiro tapando os ouvidos deu certo – sim, eu fui iludido pelo pica-pau –, mas tudo bem. Chovia tanto lá fora, um frio gostoso entrava pela janelinha da área de serviço e ia direto para a minha cama, bem no meio da sala do meu apartamento – não tente entender a forma como organizei os cômodos

por aqui, às vezes nem eu mesmo entendo – o contraste entre o clima e o barulho intensificado pela ventania me irritava, mas ainda assim, a demência causada pelo sono me manteve deitado apenas olhando pela janela a chuva e o balançar das folhas da árvore no quintal da casa ao lado.

Depois de alguns minutos ali, eu até comecei a me acostumar com toda aquela barulheira, a um ponto que meus olhos finalmente voltaram a se fechar, mas não durou muito. Alguém começou a procurar a chave da grade que dá acesso ao corredor de varanda, que fica ali, bem do lado da janela da sala – eu juro que também não sei por que continuo dormindo aqui, neste local. Aparentemente eram tantas em um só chaveiro, que por um instante até cogitei apenas abrir a janela e jogar a minha,

que estava mais fácil. Mas, no momento, a posição propícia ao meu sono ainda se mantinha como uma prioridade a ser preservada, então, apenas respirei e continuei ali. De repente, um estrondo acompanhado de um grito ainda mais alto vindo de uma casa que fica na rua de trás do prédio me fez pular da cama assustado. Eu ainda estava tão sonolento que por alguns segundos achei que tivesse acontecido alguma coisa dentro do apartamento, mas logo vi que não, ao reconhecer as vozes das ameaças e xingamentos que vieram na sequência.

“– Vai mete ‘pra tu vê’ se ficar um roxinho já sabe”, gritava ela, acompanhada por latidos desesperados do cachorro da mãe já falecida  
“– Vou agorinha na delegacia”, ameaçou.

“– Pega ela. Pega ela, Bethoven”, revidava ele, incitando o cachorro a machucar a irmã.

Eram eles de novo, recomeçando toda a confusão que já havia acontecido no dia anterior, e que aparentemente não foi suficiente. Eu não conseguia os enxergar. Além da própria estrutura da casa deles ser estranha, uma árvore – sim, as três casas vizinhas das três laterais do prédio têm árvores – atrapalhava a minha visão.

“– Vou agorinha ‘pra’ delegacia”, repetiu ela, várias vezes “– Olha o que você fez aqui ó, cortou o meu braço, cortou o meu braço”, gritou mais alto, esperando talvez que ele parasse de tentar agredir ela, tanto verbal quanto fisicamente. Mas de nada adiantou.

“– Eu ‘tô’ aqui, pode ir, eu ‘tô’ aqui viu”, respondeu ele.

“– Vai. Os meninos já sabem que tu gritou aqui comigo”, disse, fazendo referência à noite anterior. “– Vai embora, vai te lascar. Eu te estupro nojenta. Vem, vem. Sapatão. Aprende a gostar de macho porra”, ameaçou aos gritos.

Ela saiu do beco coberto pela árvore, indo em direção a sua bicicleta (seu instrumento de trabalho), que havia sido danificada por ele minutos antes. O seu braço estava sangrando, sujando a sua camisa de mangas compridas, antes apenas verde clara. Ela estava vestindo um calção masculino preto, e no rosto, uma máscara de pano colorida cobria o seu nariz e boca. Ainda resmungando, alternando o tom de voz, ela começou a recolher a lona que cobria sua bicicleta, rasgada com um canivete, mas não fez nada além disso.

Acompanhei essa cena diretamente da janela do meu quarto, pelo cantinho que não foi coberto pelo plástico preto (ele evita a entrada incômoda de luz do sol), por exatos dois minutos e meio. As frases ditas repetidamente já não eram novidades, mas sim, o comum durante essas confusões deles. Confesso que em vários momentos, até nas brigas anteriores, tive a esperança de que ela cumpriria a ameaça de denúncia que fez, antes que ele cumprisse as dele. Essa ameaças, inclusive, aumentaram o tom na noite passada.

Mas calma, acho que preciso te contar como chegamos até aqui antes de seguirmos

acompanhado essa ou até descobrindo novas histórias. Mas desde já, posso te falar que não é fácil manter a escolha de viver durante uma pandemia no Brasil.

## **92 DIAS ANTES DO AGORA**

Parecia um domingo normal em meio ao desgoverno do atual presidente da república. Caótico na internet, mas ainda assim monótono como tantos outros domingos. Ah, mas desta vez com um pequeno adicional; as informações sobre a chegada do novo Coronavírus aqui no Brasil. Um debate ou discussões sobre a prevenção? Que nada! Nas redes sociais, alguns usuários repercutiam já comemorando os boatos de contágio do presidente. Em contrapartida, o gado generalizando a ação, condenava os “comunistas” – leia o rótulo no tom mais irônico que conseguir – e do outro lado, uma generosa parcela de usuários repreendia essa generalização... nada novo sob o sol, apenas o ciclo rotineiro do Twitter embalado em um novo assunto.

Em paralelo a isso, eu seguia na busca por encontrar alguém que já tivesse assistido a quarta temporada de Elite completa, lançada dois dias antes. Seria essa espera um dos malfícios de maratona tudo de forma precoce? O vazio na hora de querer debater sobre o que você acabou de assistir. Mas não achei ninguém, nem mesmo no Twitter. Então passei a alternar aleatoriamente entre o feed do Instagram e do próprio Twitter atrás de algo interessante. Até pensei em procurar alguma coisa na

Netflix, ou no YouTube, mas os comentários e lembranças sobre Elite continuavam fortes na minha cabeça, o que com certeza atrapalharia a minha experiência com qualquer novo produto que eu fosse assistir. Por fim, me joguei na sessão 24h do BBB pelo Globoplay, e ali permaneci por horas.

Meu celular vibrou. Já passava das duas horas da tarde, quando cheguei a notificação sobre uma nova publicação da Anitta no Instagram. Não era nada demais, só um vídeo do Plínio (o cachorro dela). Mas ao fechar a aba dos Stories, uma novidade: a suspensão de aulas começava a ser anunciada em alguns lugares. Logo resolvi conferir se a minha faculdade havia comentado algo a respeito, e fui até o perfil, mas chegando lá, só encontrei os alunos manifestados nos comentários das duas últimas publicações cobrando um posicionamento. Alguns até justificando previamente as faltas nos dias seguintes e outros já exigindo o anúncio da suspensão das aulas presenciais – anúncio esse que só foi feito três dias depois, junto com o comunicado das aulas online que se iniciariam apenas na outra semana. Confesso que achei engraçados os argumentos usados por eles, já que todos sabíamos que a maioria ali não estava preocupada de fato com o bem estar ou a saúde pública, e sim com a possibilidade das férias antecipadas. Essa alternativa era justamente o meu maior pesadelo, porque se tem uma coisa que eu não quero prolongar nessa minha existência, é essa vida de universitário.

## 84 DIAS ANTES DO AGORA

Queria ter acordado um pouco mais tarde nesse dia, mas não aconteceu. Esse meu costume de acordar cedo em dias de semana que me acompanha desde os tempos de escola às vezes me dá agonia. Mas tudo bem, pelo menos mostra que tenho um bom senso de responsabilidade.

Já era o terceiro dia de aulas remotas, praticamente acompanhávamos uma estreia por dia naquela semana. Foi divertido – ou no mínimo interessante e curioso – perceber e assistir como cada professor adaptava as aulas a esse formato e como eles lidavam com as ferramentas da plataforma. Eu já estava indo para a minha quarta aula, mas era a primeira junto à turma da noite. Na minha turma normal, da manhã, tudo tinha corrido bem – inclusive, na aula daquele dia, mais cedo, a interação dos alunos na cadeira de conteúdo multiplataforma nunca foi tão ativa. Sinal de que tinham se adaptado ao novo esquema – mas como sempre, com exceções; alguns alunos reclamavam arduamente dizendo se sentirem prejudicados. Eu dava risadas, porque essas mesmas pessoas não faziam nada ainda quando tínhamos aulas presenciais. Então, eu – e a maioria do grupo da turma – apenas ignorávamos.

Faltavam apenas 20 minutos para o início da aula, então, diminuí a velocidade do ventilador, silencieei os toques do celular, tentei habilitar o áudio do computador e me sentei para esperar. O silêncio tomou conta, eu só conseguia ouvir os passos de alguém subindo as esca-

das entrando no corredor desse andar. Ah, na verdade eram duas pessoas, e que aparentemente estavam bem animadas fazendo planos para o resto da noite. Fiquei curioso e corri até a janela da sala para tentar enxergar a situação pela brechinha no corte do plástico preto – o mesmo que usei na janela do quarto – e consegui. Eram os meus vizinhos não tão sociáveis do apartamento ao lado, milagrosamente conversando. Foi minimamente espantoso. Moro aqui a pouco mais de dois anos, e nunca havia presenciado essa cena. Sempre calados, a mãe e o filho Guilherme, lindíssimo inclusive, evitam até olhar nos olhos de alguém quando esbarram no corredor.

Ele com um short médio preto e camisa da mesma cor, segurava os seus sapatos e uma garrafa na outra mão. Provavelmente estava voltando da rotineira ida a academia. Já ela, com o cabelo preso, saía, e uma blusa estampada com flores claras, segurava a sua bolsa enquanto esperava ele abrir a grade. O que os dois tinham em comum? Ambos sem máscara (confesso que me bateu uma pequena vontade de abrir a janela e cobrar pelo uso delas, mas me contive), eles seguiam como se nada estivesse acontecendo. Mas, enfim, entraram no apartamento, sem fechar a porta, ligaram a televisão e continuaram conversando. O volume estava bem alto. Deu até para ouvir a escalada do início de mais uma edição do NETV, que em poucos segundos, me proporcionaria a maior pérola que ouvi naquela semana.

“– Isso é castigo. Todos estão pagando o preço pelo carnaval!”, verbalizou ela, ao assistir à

chamada de uma notícia sobre o primeiro caso de contágio no estado. “- É castigo. Escola de samba zombando de Deus daquele jeito não passa em branco. É ele avisando pra nós que está vendo tudo o que fazem aqui”, concluiu.

A escola de samba em questão foi a Mangueira, que esse ano defendeu o enredo A Verdade Vos Fará Live distribuindo a representação de Jesus entre vários corpos comumente marginalizados pela sociedade ao longo do desfile.

Eu demorei a processar isso que eu tinha acabado de ouvir, de tão... não sei nem definir. Ok! O ponto em questão não é a forma como ela enxergou a ideia manifestada pelo desfile. Até aí tudo bem, devemos saber respeitar a opinião dos outros mesmo que pareça infundada. Por que afinal de contas, não são os pobres e oprimidos os defendidos por Jesus? Foi o que aprendi na Bíblia, mas aparentemente a sua religião a fez ter uma interpretação diferente. Mas o real questionamento que veio em minha cabeça foi: Como ela pode atribuir uma culpa de forma tão enfática a alguém ou algo, se a poucos minutos atrás ela estava na rua sem máscara? Usar a pandemia para condenar a atitude sem olhar as suas próprias é um ato legítimo? As vezes quem tanto quer pregar uma verdade, acaba esquecendo o que de fato é ela.

Ah, e antes que eu me esqueça, ontem foi o meu aniversário - comemorado dentro desse mesmo apartamento, com o celular em modo avião para não receber falsos cumprimentos da família e sozinho, com uma participação es-

pecial momentânea da minha mãe - mas não acho que isso tenha relevância agora.

## **73 DIAS ANTES DO AGORA**

Ela estava revoltada, e surpreendentemente com razão - é difícil assumir isso com o ranço que se instalou em mim depois da última confusão que ela arrumou quando assaltaram o apartamento dela. Minha mãe fica possessa quando ela tranca a porta da entrada principal como se só ela fosse a dona do prédio e todos os outros tivessem a obrigação de descer para abrir a porta sempre que alguém chega chamando, mesmo que tenhamos um interfone para isso - aos berros no celular. Nilda, a senhorinha do primeiro apartamento do térreo reclamava da falta de empatia das pessoas em permanecer em casa, aparentemente com a filha do outro lado da linha. Eu ouvi todo o desabafo enquanto lavava os pratos.

“- Tá uma prisão”, definiu ela. “- Eu tenho as minhas coisas para comprar, mas dizem para eu não sair, então vou ter que esperar alguém passar pra pedir pra ir ao supermercado. Mas eu quero ir aqui no mercadinho”, verbalizou ela, que logo pareceu ser repreendida pelo seu interlocutor. “- E o que vão fazer com as pessoas que não estão ficando em casa? Eu vou ficar com fome até eles decidirem aquietar o rabo?”, questionou.

O cachorro da casa do lado começou a latir, fazendo com que eu não conseguisse mais ouvir o que ela falava de forma nítida, apenas alguns resmungos aleatórios.

Algumas horas se passaram. Naquele dia, de folga, a minha mãe não viria almoçar no meu apartamento já que decidiu aproveitar para limpar a casa dela. Mas prometeu trazer o almoço, já que por aqui, implementamos um esquema de revezamento entre as casas para economizar o gás. Quando eu faço a comida, preciso fazer para as duas casas, e quando ela faz, também – e assim o fez. No início da tarde o interfone tocou, era ela me pedindo para descer porque estava com preguiça de subir as escadas. De máscara, cabelo molhado e peças de roupa totalmente desconexas como de costume, ela me esperava em frente ao apartamento de Dona Nilda, com uma bolsa de depósitos nas mãos. Não entendi nada ao ver a vizinha entregando uma certa quantia a minha mãe, mas tudo bem, fingi demência e apenas peguei a bolsa e logo subi, eu estava morrendo de fome, a única coisa que eu queria no momento era colocar a comida em um prato.

No meio da tarde, um áudio inesperado da minha mãe me pedindo, entre várias risadas, para ligar para ela, chegou no WhatsApp. Ela não costuma mandar áudios, então quando isso acontece só pode ser por dois motivos; uma preguiça descomunal ou um caso de extrema necessidade, mas aquele não parecia ser nenhuma dessas duas alternativas, então apenas liguei. Em menos de dois minutos de ligação eu já me encontrava no chão, rindo desesperadamente alto. Onde foi parar o bom senso e principalmente a noção das pessoas? hahaha não é possível. O SAMU tinha acabado de sair da casa da minha mãe após receber uma denúncia anônima de que ela estaria com

o novo Coronavírus. O motivo de acreditarem nisso? Aparentemente os espirros durante a limpeza da casa, causados pela alergia que ela tem a poeira, espantaram uma vizinha, que minutos depois foi flagrada pela minha mãe conversando – ou melhor, fofocando – com uma mulher da casa ao lado, na sua rua, afirmando que ela tinha mentido para os médicos ao responder que não estava com Covid-19... Ah, mas é importante ressaltar que essa mesma vizinha, mesmo fora de casa e em contato direto com outra pessoa, não estava usando máscara... nem preciso falar mais nada né?

### **36 DIAS ANTES DO AGORA**

Mais um domingo monótono começou. Detalhe, era o Dia das Mães. Eu já tinha combinado com a minha mãe que daria o presente dela depois. Essa vida de consumidor online definitivamente não é para mim, e com a pandemia essa era a única saída de conseguir dar algo decente no dia, então resolvi adiar. Graças a Deus a minha mãe não é do tipo de pessoa que liga para essas datas comemorativas, totalmente o contrário da minha avó, então o meu dia seguiu normalmente. O clima estava estranho. Não chovia e nem fazia sol, apenas a ventania neutralizava o silêncio da rua, que vazia, parecia que todos continuavam dormindo, mas já tinha passado das 11h da manhã, então descartei essa hipótese.

Sem nada pra fazer, resolvi adiantar o horário da minha ligação rotineira com a minha avó. Desde que eu me mudei de Sirinhaém há pouco mais de oito anos, a gente se fala todos os

dias para nos atualizar sobre a vida das outras pessoas da família, e eu contar a ela o que vai acontecer no capítulo da novela que ela gosta – e já iria aproveitar para parabenizá-la pelo Dia das Mães. Mas fui surpreendido assim que ela atendeu.

“– Tu nem me falou rapaz”, falou ela, dando um nó na minha cabeça por não saber o que estava acontecendo. “– Ela chegou aqui nesse instante, só foi o tempo de eu abrir o portão que o telefone tocou”, continuou.

Ok, eu entendi que ela estava falando da minha mãe, mas eu nem sabia que ela iria – ou melhor, eu não lembrava. Dias antes ela já havia comentado comigo que tinha pensado em passar em Sirinhaém, até porque já se passaram meses desde a última vez que que elas duas se viram pessoalmente. Mas a fala foi tão rápida e sem firmeza que desconsidereei – mas de qualquer forma, disfarcei, e ri, já finalizando a ligação para que ela fosse aproveitar esse tempinho.

Os dias que antecederam aquele não estavam sendo tão fáceis para a minha avó. Faz tudo na própria casa, as preocupações com a feira limpeza e a saúde da irmã a deixavam desestabilizada, mas ainda assim ela não se deixava abater tão fácil por que também precisava ficar atenta as recomendações que tanto expliquei a ela sobre os modos de prevenção do Covid-19. Naquela semana, em um momento de impulso, até citei a possibilidade de passar por lá para fazer uma visita. Lembro até agora do tom de medo e espanto em suas

palavras sutis e bem calculadas para não me chatear, me fazendo apagar da mente aquela alternativa. Depois até me culpei por um tempinho por ter dito aquilo, mas logo passou.

## **20 DIAS ANTES DO AGORA**

O sol já começava a cair. O cachorro da casa ao lado latia enquanto o meu vizinho fechava a grade do corredor do nosso andar. Segurando uma sacola de pães. Dessa vez ele estava usando a máscara, mas porque o uso tinha sido ordenado dentro dos novos direcionamentos do governo, então, não conta como sensatez, e de sandália. As academias se mantiveram fechadas, mesmo com os últimos delírios do presidente da república em listar ela como um serviço essencial. Enquanto espiava ele todo atrapalhado procurando a chave correta, comecei a ouvir gritos que vinham da casa da rua que fica atrás do prédio – e que fica bem em frente à minha janela – então coloquei na balança qual cena era mais interessante.

“– Botou até os irmão no meio, pra os irmão tomar providências”, berrou Sara, a vizinha escandalosa, e representante do bairro de trás, apelidada por minha mãe de Sapão. “– Se ajeite, se ajeite, se ajeite que você vai morrer”, declarou.

E ali começava mais uma briga entre os três irmãos, que depois da morte da mãe, passaram a viver juntos, com o cachorro Beethoven, na mesma casa. Eu não conseguia entender tudo o que eles falavam, a dicção de todos era péssima. Até cheguei a me questionar se eles

realmente se entendem, e se esse é o principal motivo para essa guerra nunca acabar.

“– Não venha tirar onda não viu”, retrucou o irmão mais velho. Ex presidiário, chamado de Vavá, reapareceu na casa um ano depois que eu já morava aqui, então, não sei dizer ao certo por quanto tempo ele permaneceu preso. Em todas as brigas, normalmente bêbado, ele gostava de se exaltar e se reafirmar como um homem rico, intercalando com ameaças de morte como uma demonstração de poder. “– Eu vou cuspir na tua cara”, gritou, indo na direção da irmã.

“– Quem vai cuspir na sua cara sou eu. Vem e bota o nome do cara no meio rapaz”, revidou. “Oxe, vai te embora.”

“– Eu não ando pedindo socorro, tu anda por ai, e lascando a gente viu”, gritou Vavá.

“– Lascando? Eu?”, questionou ela, em um tom debochado.

“– Olha, Jurandir”, o irmão mais novo que acabava de entrar no quintal, “– Não se meta não, que você se lasca comigo. Se vier pra cima de mim eu acabo com tudinho, porque todos eles precisou de mim, e quem manda nessa porra sou eu que o meu advogado me disse.”

Até ali, a única coisa que eu queria era entender o contexto dessa nova briga, mas a dicção e a repetição exaustiva de frases de impacto não colaboravam tanto. De qualquer forma, assim como as outras, essa logo se tornaria

uma disputa pela hierarquia organizacional da casa, único bem deixado pela mãe falecida, e o motivo inicial da discussão seria esquecido.

“– Lá vem negócio de casa. E eu lá quero saber de negócio de porcaria de casa, porra!”, gritou ela. “– Eu não tenho medo de tu não não, vi? Eu viro o satanás mesmo em cima de tu pra ver se tu vai torar minha cabeça e me mata. Depois me mata, faz bem feito. Enche o cu de cana pra vim lascara a pessoa aqui, é? Porque isso aí é o cu cheio de cana. Vem não vi, vem não, num instante eu tiro o teu espírito de cana pra tu ver se tu vai me matar. Oxe. Fica falando merda do irmão, fica falando merda da irmã porra, teu irmão tá lá no lugar dele. Fica direito aqui rapaz. Não vê a gente arengando com tu aqui, só reclamando das coisas. Tenho medo não viu, tenho medo não, mas deixa eu morta, deixa eu morta, porque se eu ficar viva, eu te fodo”, concluiu.

A essa altura, o Vavá já não se encontrava mais lá. Talvez isso explique o monólogo aos gritos que ela deu, sem interrupções. O tom dos resmungos de Sara começava a diminuir. O terceiro irmão se manteve em silêncio, como sempre tenta fazer durante esses episódios. Mas não foi daquela vez que o silêncio voltou a reinar.

“– Eu morro, eu morro, eu morro. Num instante tu desaparece daqui, tu não chega nem na porta esse beco, de polícia que fica atrás de tu”, continuava aos gritos, sem sinal de que ele tivesse ouvindo aquilo. “– Merda de casa. Tanta morte tá tendo aí, o povo deixando tudo tá

levando é barro na cara. Pra tá falando merda de casa porra.”

Após segundos de silêncio, ele apareceu.

“– Tenho medo não viu, eu já disse a você. Não tenho medo um tico. Eu fico bem assim olha, pra ver se tu faz alguma coisa comigo”, disse ela, escorando na parede da casa, “...eu não saio daqui. Antigamente eu era besta, corria com medo, agora eu não corro não viu, fico mesmo. Agora faça, e deixe eu estirada.”

“– Olha aqui olha”, falou ele, tirando uma faca da cintura e passando-a na parede como se estivesse amolando. “– Vem. Vem falar comigo pra tu ver, soi porra nenhuma aqui. Eu mato tu na frente de tudinho aqui. Tá tudo no meu nome isso aí. Cu de cana não, eu não sou cu de cana não”, gritou ele ao ouvir alguns resmungos dela.

“– Cu de cana mesmo. Fica saindo, fica vindo, olha o Corona aí. Eu vou morrer de Coronavírus, vou pegar por tu e não vou levar nada”, berrou ela, enquanto o cachorro começou a latir.

“– De Coronavírus não, quem vai lhe matar sou eu. E vou lhe enterrar aqui”, rebateu ele.

## **OPS...**

Parece que o meu tempo por aqui acabou! Mas até que já deu para entender o tom que essa história continuou né? E infelizmente é

uma rotina. A casa, pequena e humilde, fica no vácuo entre o cruzamento de quatro ruas, talvez por isso, não tenha uma entrada certa para ela e sim, apenas um beco também escondido. Esses irmãos que vivem nela, rotineiramente trocam ameaças de morte, denúncias ou até mesmo de culpa pela morte da mãe. Aff, eu ainda tenho tanta coisa para te contar sobre essa quarentena, até mesmo mais detalhes sobre essa treta... Mas minha mãe acabou de chegar pra almoçar, e ainda trouxe um belo bolo de rolo para a sobremesa. E se tem uma coisa que eu aprendi durante essa quarentena, é que não devemos deixar de aproveitar os momentos mais aleatórios que a vida nos oferece confiando que depois teremos de novo. Mesmo que tenhamos que interromper outros e avaliar qual vale mais a pena. O almoço de hoje de fato vai ser único, porque ele não volta ou se repete, e tudo bem. É engraçado terminar assim. Mas de tudo, a única coisa que você realmente precisa saber é que apesar de tudo, eu me sinto bem. Na verdade, eu nunca me senti melhor. Depois eu volto para te contar melhor essa história e talvez dar uma conclusão dela – que é inexistente até o momento hahaha – está bom?

## **ATÉ AMANHA...**

## **SE HOVER UM**



# DO OUTRO LADO DA JANELA

**MARIA ISABELLA VIEIRA CAMARGO**

**T**odo mundo vai morrer, é a única certeza que temos e aproveitamos os dias como se fossem os últimos. Ao menos era assim antes da doença. A enfermidade que mata e tem pressa. Todos estamos lutando para não sermos mais um retrato guardado na gaveta e que ninguém nos esqueça. Dias que nunca vou esquecer, dias de luta por sobrevivência, atos de egoísmo para alguns e solidariedade para outros.

Na segunda-feira, 25 de fevereiro, foi tomado o conhecimento do tamanho do caos da Covid-19, na Itália. Estava no trabalho quando vi a notícia e enviei uma mensagem para Fortunati Agnese, uma amiga que mora na região de Marche, a segunda mais contaminada com

1020 casos, contei para ela que a situação estava começando a se agravar aqui também.

18 de março: Nos mandaram ficar em casa por recomendações do Governo e Ministério da Saúde, Agnese ficou aliviada em saber que estávamos em casa. Ela temia pela saúde de minha família, já que ainda estávamos tendo nossa jornada de trabalho normalmente aqui no Recife.

19 de março: Eu e minha mãe fizemos a nossa feira mensal e compramos materiais de higiene. Procuramos álcool em gel, mas ainda faltavam nas prateleiras. Durante a tarde eu realizei meu trabalho como home office e nos intervalos do almoço via notícias do Covid-19 na TV e

internet. Algumas pessoas não estavam dando o devido valor à gravidade da situação.

20 de março: Uma idosa de 66 dois anos foi a primeira pessoa em Recife a receber alta, acreditam que ela esteja curada. Orei para Deus para eles estarem certos. A ideia de ficarmos assim até setembro está me deixando apavorada, me sinto numa narrativa do longa Um Lugar Silencioso. As coisas foram seguindo assim até abril, onde a doença tomou proporções já previstas, porém assustadoras. Todos os países já estavam afetados, as lojas e comércios estão fechando. Eu perdi meu emprego foi o pior presente de aniversário que eu já recebi na vida.

Agnese disse que tudo tinha uma razão e que iria melhorar. Sempre nos falamos pela tarde já que temos 7 horas de diferença no fuso horário e acompanhamos o dia um da outra por FaceTime. Era dia de compras para sua família e tudo aquilo era muito estranho. Ruas vazias, sem carros em frente as casas, poucas luzes acesas, como em um fim de filme pós apocalíptico. No mercado entra uma pessoa por família e existe uma limitação de pessoas que podem circular pelo estabelecimento. Isso quando é permitido, pois geralmente são passadas listas e as compras são entregues na entrada para os clientes.

Era 4 de abril e faltavam 6 dias para o meu

aniversário. Confesso que me parecia o aniversário mais triste que eu já tive, mais do que os da minha infância em que meu pai não aparecia. Então Agnese e sua mãe Rita me fizeram um bolo típico de sua cidade e mostraram na chamada de vídeo para dizer Tanti Auguri – feliz aniversário -, e foi a melhor parte do meu dia. Conversamos todos como uma família, ouvimos Aitana e aprendemos algumas palavras dos idiomas uma da outra. Foi um dia leve, alegre quase que normal, mas não durou muito. Na mesma semana tive a notícias de que haviam casos no Cabo de Santo Agostinho, a cidade onde moro.

16 de abril: Ninguém sabe exatamente como chegou da capital para cá, mas foi naquele momento em que a ficha finalmente caiu de que nada mais seria o mesmo. Máscaras se tornaram obrigatórias nas ruas, a distância de um metro também, mas as pessoas ainda não se importam o suficiente e chegamos a mais de 200 casos. E foi então que o turbilhão de sensações voltou a dominar o meu corpo. Pensei que seria fácil pois já havia vivido isso antes, o medo de perder amigos e família, pois as pessoas de Marche são minha família há 8 anos. Ver Agnese, Rita, Nonna e Sofi em uma situação de risco ou em que eu me sinta impotente parecia a pior sensação do mundo, até agora. Quando estamos perto é muito pior. Ver meus pais e meus avós em risco me fez perder a cabeça. Todos os dias parecem pés-

simos, são iguais, angustiantes e no fim das contas sem perspectivas. O que me lembrou 21 de março quando Agnese ainda estava de Lockdown – medida mais extrema do distanciamento social em que moradores podem sair por poucas horas e para necessidades específicas – e me ligou no meio da noite - provavelmente ela havia esquecido o fuso.

“- Isa, eu não aguento mais, já nem sei quais são os dias e sinto falta do meu namorado não nos vemos e estou preocupada ele vai perder o emprego no restaurante, nonna está ficando estressado por não poder passear e sinto falta da minha vida, parece nunca voltará a ser com antes e ainda tem esses vizinhos fazendo festas na calada da noite”, desabafou ela.

“- Oi, fique tranquila ok? Eu estou aqui e pode sempre me ligar quando se sentir assim, vai ficar tudo bem. Vocês estão se cuidando e mais tarde temos aula de português e vou te mostrar as ruas pela janela e como as coisas estão. Hasta mañana, siempre ensemble”, me despedi depois de alguns minutos.

Agora entendia bem como ela se sentia, e de repente me passava um turbilhão de coisas na cabeça: os planos, projetos, as coisas que não íamos concretizar, a viagem deles para o Brasil nas férias em 2021. Eles estavam tão empolgados de torrar na praia, ir ao museu e aos luais da praia na Ilha de Tatuoca. Tudo se tornou

uma impossibilidade e agora não são apenas as horas que nos separam. E eu que pensei que finalmente poderia ver Nonna, cozinhar-mos juntas ou ela me ensinar a fazer o seu bolo favorito e aprender as receitas daqui. Talvez eu voltasse com eles e visse a neve. Mas nada disso importa mais, porque eu só quero e preciso manter minhas famílias a salvo e não ter a certeza disso, consome muito do meu dia. O tempo passa, já é noite e eu ainda não consigo dormir porque quando acordar vou viver tudo de novo. As crises de ansiedade voltaram. Um telefonema sem uma crise de choro seria até estranho. Alguns dias eu sequer consigo comer como se a névoa em minha cabeça não fosse mais sair.

20 de abril: Um dos piores dias até agora. Meu pai estava com suspeita de contaminação. Não moramos juntos mas nos vemos sempre e eu só queria ele bem. Ver rostos familiares adoecerem e morrerem tornou tudo muito mais insano. Eu estou há quase três meses sem sentir o sol em minha pele, vivo a eterna sensação de déjà vu. Em apenas 10 dias é como se voltasse a 2011 foi o ano em que meu pai teve depressão e assim como agora eu estou sozinha tentando fazer tudo ficar bem porque de nós dois eu sempre fui a emocionalmente mais estável, mas não tenho mais o positivismo de uma criança de 11 anos, não suporto mais a pressão psicológica de viver para manter outra pessoa viva novamente.

23 de abril: Não liguei para Agnese desde o meu aniversário. Não quis ser egoísta e tirar a sua última alegria que era sair do lockdown em junho. Nos falamos por mensagens com respostas limitantes. Nunca imaginei que depois da adolescência teria mais uma crise existencial. Tenho evitado ligar a televisão ou até mesmo falar. Me recolho para escrever minhas poesias dramáticas onde abrigo minha realidade paralela e nelas escrevo sobre essa parte da vida e do menino dos olhos castanhos. Esse é um drama a parte que escrevo mais, e que me ajuda a esquecer que não é apenas o meu mundo que está desmoronando.

Precisava esquecer, então no mês de maio tive que fazer uma intervenção e parei de escrever. Embora relatar esses fatos faça parte do meu trabalho, ainda sou um ser humano que sente como os outros, que chora e sente saudades. Saudades da paz, a praia no final de semana, o abraço que a gente dava. Às vezes o tempo pode ser o seu melhor amigo e hoje sinto que Deus e ele me salvaram até agora.

Estamos em junho e a cada dia que passa o vírus cresce, assim como meu ódio pelo atual governo. Estamos há exatos 23 dias sem ministro da saúde, são 35.026 óbitos segundo informou o plantão da Globo. Nesse momento meu pai já estava melhor e eu ao menos

conseguia falar ao telefone. Finalmente parei de evitar Agnese e nos falamos. Lá era dia e ela estava fazendo um piquenique. Eu contei como as coisas estavam por aqui, embora ela também acompanhe pela televisão. Não vou me esquecer desse dia pois foi um dos poucos em que consegui rir.

“- Ódio a este cabrón!”, ela disse ao telefone.

“- Eu também.” Respondi e não contive meus risos em seguida e disse a ela que de agora em diante o chamaria assim que é quase um sinônimo para presidente filho da puta.

08 de junho: Após Donald Trump criticar a postura do Brasil em relação às medidas para o combate ao Coronavírus, o ministério da saúde sonegou dados sobre o número de mortes e infectados do país. Veículos de todo o país se uniram fazer o que fazemos todos os dias, agora com mais afinco, e trazer a veracidade dos fatos sobre situação de contaminação do país. Eu vejo e escrevo sobre isso enquanto preparo meu psicológico para sair de casa pela primeira vez, porque amanhã eu irei fazer as compras de mercado. E assim se passou o primeiro semestre de 2020.





# ESSA LAPADA DOEU

YURI NERY

## O primeiro telefonema e a notícia

**D**ormia o sono dos justos às sete e meia da manhã quando mainha bateu na porta do meu quarto. Achei que fosse para irmos ao mercado - estávamos no meio da última semana do mês e, sem sair de casa por conta da quarentena imposta pela pandemia do novo coronavírus, algumas coisas já estavam faltando no armário e na geladeira. Natural. A última feira que havíamos feito, tinha sido há quase dois meses, no início de abril, antes da Semana Santa. Nos preparamos para não sair de casa por um bom tempo. Levantei, e entre o vestir da roupa e o despertar de um tipo de sono em pé, com a porta

ainda fechada, ouço um choro muito alto, forte. Daqueles cheios de soluços. Nesse instante, um frio me rasgou no ritmo da embriaguez do frevo de Luiz Bandeira: “entrou na cabeça, tomando meu corpo e acabando no pé”. Mas só no ritmo. Sem festejos. Apressei os passos no espaço 3x3m do quarto e finalmente abri a porta. Me deparo com mainha, aos prantos, da cor de um jambo maduro, com a mão estendida me entregando algo. Levei uns segundos (poucos) para perceber que se tratava de seu celular. Em um tempo de vácuo mental, pensei: depois daquele susto que vovó nos deu no domingo, três dias antes, ao ser levada para o hospital com a pressão alta... “Quem morreu?”, perguntei. Sem me responder (claro), choran-

do igual a barragem de Tapacurá quando sangra em tempos de grande volume de chuva, e ainda com o celular na mão, me pedia pra falar com alguém. Tinha acabado de receber uma má notícia. No susto, ao despertar do vácuo mental provocado pelo baque ao abrir a porta do quarto, pego o telefone. Era minha tia, Deyse (Que na verdade é prima, mas considero como tia.), que com voz chorosa, embargada pelo sal da lágrima, dizia que vovó havia sido socorrida novamente. Desta vez às pressas e com todos os sintomas de um AVC. Senti meu corpo tremer do fio de cabelo mais alto da minha cabeça ao grão de areia mais raso que servida de tapete para os meus pés descalços.

### **O desmaio e o socorro**

Vovó Lu - que no cartório de Bonito consta como Josefa, que tinha consulta com um oftalmologista bem cedo nesse dia por conta de queixas na visão (Tem glaucoma e operou de catarata o olho esquerdo há dois anos. Falta o direito, também acometido), estava se ajeitando para a visita ao médico de olho quando ao sair do banheiro da casa onde mora desde o início do mês três do ano vinte-vinte, passou mal e caiu desacordada nos braços do meu tio Vando (de batismo, Erinaldo. Pros amigos, Bota Sal. Não sei o porquê desse último). Meu tio, que tinha ido buscá-la para a ida a uma consulta de rotina, não imaginava que teria a mãe caída em seus braços dessa

maneira. Desacordada e sem controle algum de suas pernas e joelhos “artrosados”, vovó rapidamente foi socorrida para uma UPA de Barra de Jangada por ele e pela esposa, Vilma. Segundo o Google Maps, uns 10 quilômetros de Cajueiro Seco até o local (Barra de Jangada e Cajueiro Seco são bairros da cidade de Jaboatão dos Guararapes, localizada na Região Metropolitana do Recife). Seu Nery, meu avô, e tio Teco (no RG Valtércio) não foram junto. Ficaram em casa aguardando notícias igual eu, mãeinha e parte da família, que havia recebido de Deyse o mesmo telefonema.

### **O segundo telefonema e a brecha para uma reflexão**

Depois da falar com Deyse, que foi quem contou que vovó havia sido socorrida por Tio Vando para a UPA de Barra com suspeita de AVC, a pedido de mainha, ligo para tia Milene, a caçula dos sete filhos de vovó (Esta morou com os pais a vida inteira. Se mudou com Albert, seu filho de 14 anos, e o marido, Alberto, na última troca de endereço feita por vovó e vovô, que haviam finalmente saído do aluguel há pouco). Tia Milene me atendeu logo com um “já estou sabendo, Yuri!”. Seguido de “o que a gente pode fazer, no momento, é ficar calmo e rezar. Pede para ela ficar calma”, disse dessa vez já chorando ao se referir a mainha (Edjane de nascimento. Jane de senso comum. E Janinha para vovó. É a mais velha das três filhas

mulheres), que ao fundo da ligação não parava de chorar enquanto pensava na possibilidade de perder a sua “mãe querida” (é assim que o número de telefone de vovó está salvo em seu telefone) que não teve a oportunidade de visitar no Dia das Mães por conta das medidas de isolamento e distanciamento social impostas pela pandemia do Coronavírus. Encerrei a ligação com tia Milene, que prometeu ligar caso soubesse de algo além do que eu sabia - também prometi de cá -, e seguimos aguardando qualquer atualização sobre o estado de saúde de vovó. Estávamos em Lockdown desde o 16 de maio. E por ser um dia par, tia Milene, que tem carro de placa com final ímpar, não podia sair de casa por conta do rodízio de carros instalado na cidade. Naquele dia tinham permissão para circular apenas carros de placa com final par.

Aqui em casa, a espera era angustiante. Eu, me tremia feito vara verde no meio de uma ventania de areia no Sertão do São Francisco. E o telefone, agora mudo, quieto, fazia um barulho danado na sala do apartamento do prédio tipo caixão onde eu e mainha moramos há um ano em Marcos Freire, a seis quilômetros da casa de vovó. também em Jaboatão. As cerâmicas do apartamento, soltas em virtude de uma reforma mal feita antes da gente vir morar, causavam a mesma tensão das trilhas sonoras nos filmes de Jordan Peele. Meus passos de vigia atrás de mainha faziam um barulho seme-

lhante ao do apertar dos dentes com uma uma bolacha cream cracker no meio. As cerâmicas rangiam como grandes bolachas se partindo.

Fuga reflexiva - Pensando sobre o pedido de calma da minha tia Milene em um dos parágrafos anteriores, abro uma fenda nesse relato para uma reflexão: é estranho esse negócio de pedir para que as pessoas fiquem calmas em situações extremas, não é? Ninguém quer ficar calmo. Em situações extremas, inesperadas, de medo, o corpo está enfurecido como o oceano no meio de uma tempestade. Enfurecido de emoções múltiplas, confusas, muitas vezes novas. Não encontra força, rumo, ou coordenadas geográficas para levar calmarias as águas salgadas e turbulentas que correm pelo rosto - Fim da fuga.

Agora sentada na cadeira de balanço perto da mesa de jantar, ao lado da janela da sala, mainha toma um copo de café em meio ao choro. Amargo de medo esse café. E mesmo não tendo vontade, com a goela travada de aflição, precisava comer algo para se medicar - hipertensão igual vovó -, pois não estava passando muito bem depois da notícia recebida há pouco. Nesse momento passo a me preocupar em dobro: com vovó, no hospital, e com mainha, perto de mim. Apesar de trêmulo, sigo firme. É como se estivesse me preparando o pior.

## O terceiro telefonema

“Liga para Vando”, disse mainha enquanto mastigava um pedaço de melão entre um soluço e outro. Receoso (confesso!), com medo do que poderia ouvir na ligação. Mas liguei. Cada sinal da linha telefônica chamando, sem resposta, parecia uma eternidade. E foram quatro toques até que com a voz arranhada ele atendesse. Também cheio de medo de perder sua “mãe querida”, disse que vovó estava sendo atendida. E que sua esposa é quem estava a acompanhando. Ainda bastante confuso com tudo que acabara de viver e ainda estava vivendo, me contou ao telefone que, apesar de ainda em casa ela ter ficado com a voz embotada, com a língua enrolando, como se estivesse perdendo os sentidos, até efetivamente desmaiar, ela havia chegado “bem” ao hospital - não estava acreditando em uma sílaba do que me dizia. Disse que só nos restava esperar e orar. Nada mais. O que seria das pessoas se não tivessem com o que se agarrar na hora do desespero? A fé acaba sendo um tipo de madeira comprida e forte, que fincada no chão de barro batido, serve como uma espécie de “escoro”, que faz a gente se manter de pé e acreditando.

Na ligação, eu só pedia que ele me falasse a verdade. Que não mentisse para mim em nenhuma circunstância. Queria saber qual era a real situação de vovó. Precisávamos saber a

verdade. Mas ele a todo momento garantia não estar mentindo sobre nada - Inclusive, acho até que fui egoísta em achar que ele não diria se algo mais grave tivesse acontecido com vovó, sua mãe. Mas entenda: eu era mais um aflito que queria respostas. Até que uma frase dita por ele reforçou ainda mais a suspeita de morte que eu nutria naquele momento, quando pouco antes de desligar o telefonema, revelou que “parecia que ela só estava lhe esperando”. Foi naquele instante que eu pensei: perdemos Lu. Lavadeira aposentada por idade de 74 anos, semianalfabeta, filha de Maria - ainda viva com 92 anos -, de Odilon, falecido de câncer e de quem sei quase nada, neta de vó Preta, também falecida - Essa, centenária. Morreu aos 104 -, Irmã de Neném, brutalmente assassinada a facadas pelo marido na década de 1980, de Severina (esta conhecida como Biu), empregada doméstica preta que ficara cega dos dois olhos há cinco anos após uma doença que lhe afetou a visão, de Ricardo e de Roberto. A esposa de Erivaldo (Seu Vadinho ou Seu Nery, como falei lá atrás), com quem dividiu a vida por mais de 50 anos. A mãe de sete filhos (quatro homens e três mulheres) que foram criados com muito esforço entre a fome, a miséria e a escassez de uma infinidade de recursos em um barraco no quintal da casa de sua mãe, no beco do Caboclinho, em Afogados, bairro da Zona Oeste do Recife. Aquela fala de tio Vando me fez pensar que eu havia perdido a minha avó. A avó e bisavó de

mais de trinta. Vovó Lu para mim. Tia Lu para outros. Dona Lu, Lu ou Luzinete para alguns outros.

Após esse breve resumo biográfico em forma de pensamento sobre vovó, que me ocorreu em uma fração de tempo muito pequena, e encerrada a ligação com tio Vando, finalmente conto a mainha o que ele acabara de me relatar. Só nos restava aguardar. Os minutos, pareciam anos. Décadas. Eu já não tinha mais controle sobre o meu corpo, que estava colado feito velcro no único sofá da sala. E isso era aparente. O meu sistema nervoso central não estava do meu lado, não era meu aliado. Ou era e estava me avisando que algo de errado acontecendo com os meus sentimentos. Meu corpo só tremia.

### **O quarto e último telefonema**

Resolvi fazer uma uma garapa. Dei dois goles e passei o resto para mainha, que ainda estava na cadeira de balanço sentindo uma forte dor no braço até que o telefone toca. Atendi esperando o pior. Não nego. Entre o levantar do sofá e pegar o aparelho, que estava na mesa, a menos de dois metros de mim, me vi fora do corpo vendo aquela cena. Me vendo levantar em câmera lenta, vendo a expressão de medo de mainha de receber a notícia fatídica que ninguém quer receber. Que ninguém nunca está preparado para receber. A gente percebe

que não é educado para lidar com a morte, considerada um tabu na maioria das discussões e relações familiares - acho que por isso tememos tanto a morte e as perdas de uma maneira geral. Na ligação, era Deyse, que com a voz limpa e calma, disse que vovó já havia sido medicada e que agora estava bem. Estava tudo bem. E isso era tudo o que a gente precisava ouvir. Na minha frente, mainha alterada e com razão, queria saber como estava sua mãe. Eu, fazendo gesto com a mão em sinal de positivo, mexia os lábios sem o som das palavras para dizer enquanto ainda ouvia Deyse, que estava tudo bem. Desligo a ligação e finalmente verbalizo. “Ela está bem! Está tudo bem!”, disse enquanto desabei e desaguei o choro que estava preso em mim. Chorei feito menino pequeno. Nunca senti tanto medo na minha vida. Ali, fui retomando aos poucos o controle e a temperatura do meu corpo. “Chore, pode chorar”, dizia mainha enquanto também chorava aliviada por não ter perdido sua mãe querida.

### **Vou ver a minha mãe**

Em seguida, liguei para tio Teco para saber como estavam as coisas por lá. Estávamos também preocupados com vovô, outro hipertenso. Boa parte dos membros da família Nery têm hipertensão. Inclusive eu. Por lá, estava tudo bem. Agora eles aguardavam a chegada de vovó, que já havia recebido alta do hospital,

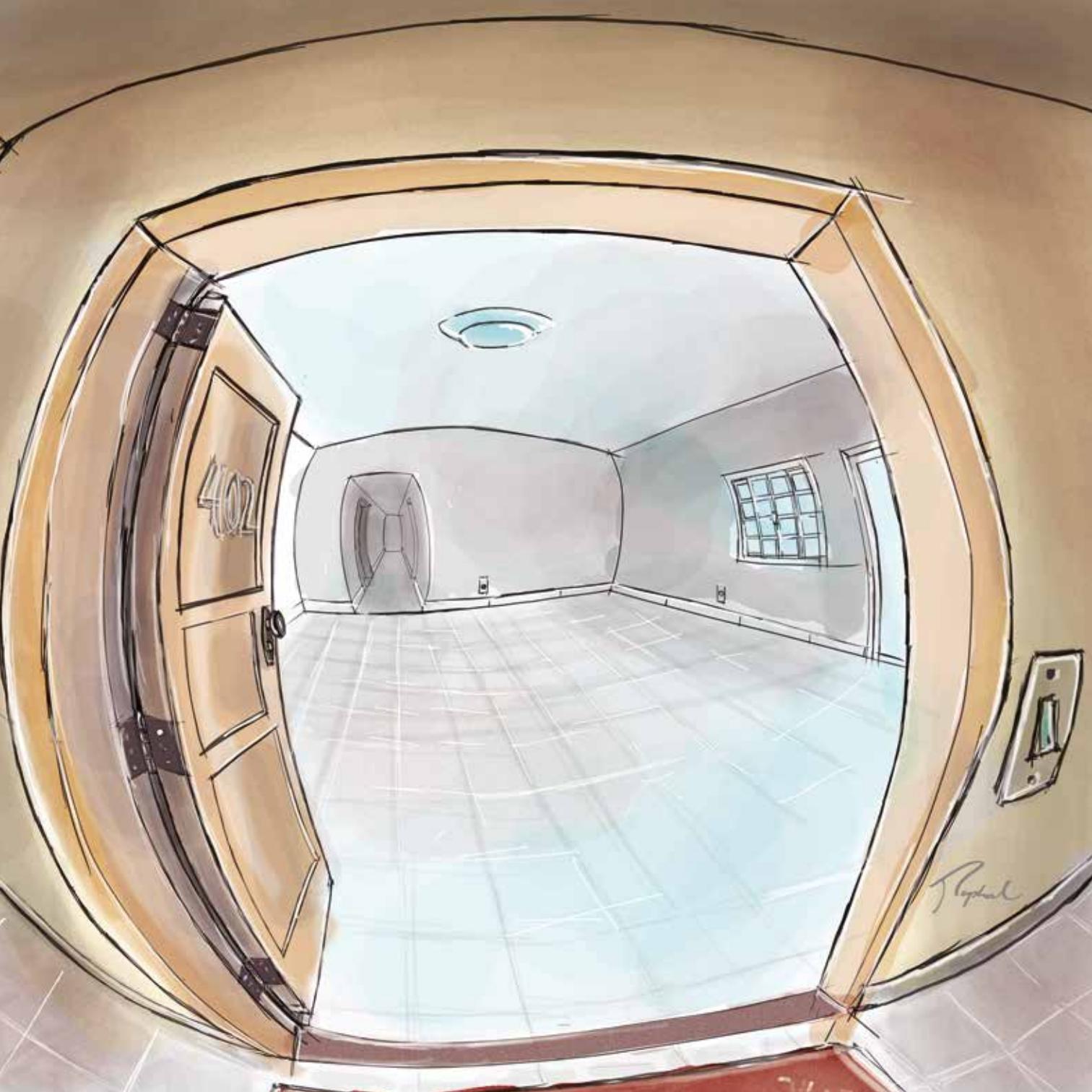
mas estava indo até um segundo médico antes de ir para casa. Já passava das 9h30 da manhã. Pouco mais de duas horas desde o primeiro telefonema recebido nesta manhã. Mas agora, a sensação era outra. Estávamos leves. Apesar dos sintomas com que vovó deu entrada no hospital serem semelhantes ao de um AVC, esse não foi o motivo do mau estar que resultou no desmaio. Ela estava com a pressão muito alta e, desta vez novidade para todos, também com a glicose altíssima. Foi diagnosticada com uma diabetes que nem sabia e nem sonhava que tinha. E esse foi o jeito que o corpo encontrou de avisar que algo não estava bem com Lu, que nunca foi de comer doce e sempre teve uma alimentação equilibrada, mas que agora se viu sendo obrigada por uma questão de sobrevivência a ter uma atenção redobrada com a saúde.

“Não tem para corona, influenza, ou qualquer outro vírus. Seja ele velho ou novo. Não tem nada que me faça ficar dentro de casa. Eu vou é ver a minha mãe”, disse mainha agora sentada na beira da cama de madeira em seu quarto enquanto penteava o cabelo com uma escova de cabo de madeira que já nos acompanha há muitos anos. A fragilidade provocada pela angústia e incerteza dos últimos minutos agora davam lugar a força. Eu achei forte. E apesar de estarmos em lockdown, no meio de uma pandemia, tomando todas as cuidados necessários de higiene, isolamento e distanciamento

social, saindo de casa apenas para realizar atividades necessárias, nesse momento eu só podia apoiar essa sua saída de casa. Ver a mãe que por um instante achou que perderia, era necessário naquele momento. Tinha urgência nessa saída de casa. “Ajeita minha bolsa, pega umas roupas. Estou desorientada ainda”, completou. Apesar de ainda também abalado, nem pisquei. Ajeitei as coisas dela, que logo ficou pronta, e em seguida chamei um Uber. O carro logo chegou e eu descii com ela. A levei até a porta do prédio, que com máscara no rosto, álcool em gel e roupas para pernoitar em Cajueiro Seco, seguiu para a casa de vovó. Eu não fui. Tinha que estar conectado no posto de trabalho (em home office desde o dia 5 de abril por causa da pandemia), em casa, às 11h00. Para a videoaula que eu tinha nessa manhã, não marquei presença. Contei brevemente aos amigos em um grupo da faculdade o que havia acontecido e eles se encarregaram de avisar a professora do dia sobre o meu contratempo. Não tinha condições de fazer mais nada dali por diante. Todas as energias do meu corpo para enfrentar aquela quarta-feira, foram sugadas pelo medo da morte. Medo da perda. Pela dor de ver a minha mãe sentir a dor da perda de uma mãe. Mesmo que por instantes. Quando eu abri a porta do meu quarto naquela manhã, às 7h30, foi isso que eu vi. E no meio de uma pandemia, levar uma lapada como essa, doeu. Doeu sentir que tinha perdido por alguns instantes alguém tão

importante para mim, para a minha mãe, para a minha família. Aquela lapada doeu. E muito. Doeu de imaginar a possibilidade de perder a minha avó, ver a minha mãe perder a sua mãe e, por conta das regras de quarentena, nem poder, nem poder dizer um adeus vendo seu rosto, como aconteceu e tem acontecido com tantas famílias e amigos que perderam entes queridos para a Covid-19. Doeu porque a gente já vem apanhando há meses de um vírus e de um Governo que criou a sua própria pandemia, provocada pelos vírus do desamor, da desumanidade, da irresponsabilidade, da falta de empatia, do ódio, da apologia à ditadura,

ao estupro, à LGBTfobia e de mais uma porrada de coisas nefastas. Doeu porque a rica e diversa terra brasilis, que leva nome de árvore, hoje tem que lidar com duas pandemias. Essa lapada que eu, mainha, e a família inteira levou hoje - de susto -, tem gente levando todo dia por conta da Covid-19. E, infelizmente, sem chance de um telefonema para tranquilizar, feito aquele que eu recebi de Deyse, para dizer que estava tudo bem com vovó. Fique em casa!



402

*Stephane*

# ISOLAMENTO: A SOLIDÃO EM HABITAR ESPAÇOS

LETÍCIA FERREIRA

## A mudança de rotina

**H**á menos de um ano eu habitei esse apartamento, e lembro-me bem da sensação de não fazer parte dele, de ser um corpo estranho num espaço. A insegurança, o medo, o estranhamento das maçanetas tortas e da porta amarela demais para o meu gosto. “Essas cerâmicas parecem sujar mais rápido, essa vista é estranha, o cheiro é esquisito”. Tudo isso depois de uma mudança às pressas, por motivos maiores, eu e minha mãe tivemos menos de um mês para preparar uma mudança. Nossa sorte foi que ela aconteceu de um bloco para outro no mesmo condomínio. Mas foi exatamente esse o motivo de tanta

antipatia. Os apartamentos possuem a mesma divisão, e esse foi o sentimento difícil de compreender que eu e minha mãe partilhávamos. É bizarro estar nas mesmas repartições quando seu corpo geograficamente se encontra em outro lugar. Estávamos basicamente no mesmo espaço, um apartamento com 3 quartos, 2 banheiros, uma varanda, sala e cozinha estreita, mas o sol se comportava diferente no fim do dia, os prédios eram mais iluminados e o vento fazia muito barulho.

O sol, o vento, os prédios, tudo aquilo parecia me expulsar dali. Embora aflita, eu achava até engraçado essa sensação de estar e não pertencer. E me pus a observar como meu

corpo se negava a ocupar e organizar o mesmo espaço em um sítio diferente. A partir daí veio esse pensamento que simplificou a relação com a nova casa. Era só isso, eu só precisava habituar meu corpo com a localização ao meu redor. Poupei as velas e incensos que estavam ligadas para neutralizar a energia do ambiente. Era a minha própria energia que estava em curto-circuito. Aos poucos aquela vista me ganhou, aquele espaço no mundo me permitiu preencher o meu. Acho que por essa tentativa de entender meu comportamento, e quase personificar a casa, foi que me afeiçoei tanto por um lugar. Mais do que por outro, com aspecto similar, e que eu passara três anos habitando.

Final de março de 2020, o mundo levou um choque tão forte que deu branco. Uma nova relação com o mundo foi iniciada devido a quarentena imposta pela Covid-19. Mais uma vez a sensação de ocupar espaços se apresenta para mim, e cá estou eu, em isolamento social, criando uma relação nova com o ambiente que eu preciso habitar. A correria entre estágios e faculdade dificultavam antes a minha relação de estar em casa, mas a pandemia veio de fato para provar e mostrar muitas coisas. Eu que trabalhava a semana inteira e muitas vezes no final de semana, vinha nos últimos meses ansiando uns dias em casa. E pude finalmente realizar meu desejo.

## **As múltiplas solidões**

Dezoito de março, primeiro dia de isolamento, minha mãe que já estava com o namorado antes da quarentena, ficou por lá mesmo. Só eu, minha casa e minha gata, nessa relação de descanso e descaso. Mesmo com toda aflição que uma pandemia nos impõe, hoje eu percebo o quão leve foram meus primeiros dias, embora ainda estivesse tentando entender aquela rotina. Perceber cada cantinho dessa casa foi um exercício diário, eu e Vênus, minha gata, descobrimos a possibilidade de habitar poucos metros quadrados. Em menos de um mês eu tinha uma rotina de fazer meu almoço (coisa que eu quase nunca fazia), cochilar, trabalhar, estudar, participar de reuniões e cursos online, tomar vinho na varanda, cantar alto, ver os pelos do corpo crescendo, ver as unhas mudarem de cor semanalmente... Mas de repente, como quem cai mergulhando sem saber a profundidade, meu corpo passaria por um choque que eu jamais esperava. Estar de luto na quarentena é não pertencer a lugar nenhum. É pairar em um corpo e esperar ser sugado de volta não sei quando nem como. Alimentei uma esperança franzina, olhei e gritei no meu oco interno por dias, naquele momento eu não pertencia a nada, nenhum espaço no mundo me parecia certo ou habitável. Até agora desconfio que sejam.

Não sei quantas solidões cabem dentro de

um apartamento. É verdade que se aprende a olhar para dentro, e que rotinas se constroem com as necessidades. Mas estar só vai além de preencher espaços. Ficar em casa sozinha durante a pandemia do novo Coronavírus, me fez só em alguns momentos e em outros abraçada virtualmente. Mas um gato passa a ser uma boa companhia, cuidar das plantas e fazer refeições para uma pessoa só, passa a ser rotina de carinho e você vai se moldando a isso aos poucos, tão inconscientemente que quase imperceptível. A necessidade de um bem estar que precisa resistir e tomar vida para dar espaços à outras formas de viver. Pelo menos era isso que eu acreditava estar acontecendo, mas minha queda chegou, e o conforto que estava sendo construído nessa nova forma de preencher espaços e tempo em branco, se foi tão rápido que eu nem me despedi. Porém zero surpresa, porque tal conforto nunca me foi presente, a agonia sempre foi uma realidade da minha existência. Estar só e se despedir de alguém que ama dentro de uma solidão coletiva, já é motivo para se perder dentro de si.

Seu Luiz Manoel mais conhecido como Seu Lunga, pela brabeza e valentia, e às vezes Seu Lula, pelo carinho e bondade. Homem que se descobriu valente aos 14, quando deixou o trabalho de cortador de cana no Engenho Arandu, localizado no município de Cabo de Santo Agostinho, e decidiu ocupar o mundo. Foi atrás de direções melhores, e anos depois já

norteava a vida de tanta gente, principalmente a minha. Figura paterna que não economizava firmeza nos sermões, fazendo jus ao seu apelido. Uma vez conversando sobre uma viagem internacional que faria, me preocupei com a sua falta de habilidade em utilizar o tradutor online e não saber o básico do inglês, e ele com toda certeza que nenhuma linha invisível o amarraria, me disse: “mas eu vou deixar de conhecer o mundo só porque eu sou matuto? eu vou viajar sim!”. E foi assim que Seu Lula me ensinou sobre a necessidade e importância de ocupar espaços, do campo para a cidade, soube preencher lugares enormes com uma vida tão grande quanto seu coração.

Era aproximado o 30º dia de quarentena, e eu só queria ver meus familiares e amigos, e quando os vi num lugar preenchido pelo som de choro e soluço. O isolamento não sumiu, ele só se apresentou de outra maneira, dessa vez vestindo preto e seu adereço uma coroa de flores. Agora são quatro solidões, e um gato para alimentar, as plantas já secaram de qualquer forma. A saudade dos que ainda veem se confunde das que só me reservam lembranças do passado, junto ao medo de que só reste isso também, com essa incerteza de abraço, que se tornou ouro em pó, e choro acumulado para momentos menos confusos. O semestre agonizante da faculdade, também me deu a sensação de estar no olho do furacão, não estar nem perto do meu verdadeiro desabar.

Ele que morava a 10 minutos andando da minha casa, ficou a milhares de quilômetros de distância durante o isolamento. O que era preocupação para o bem-estar dele, se tornou em uma não despedida, regada de arrependimentos e saudades. Em um momento em que uma pandemia mundial foi motivo de angústia, também soube algumas vezes ficar em segundo plano diante de certas tristezas, onde uma paralisação do mundo inteiro se tornou pequena comparada ao que acontecia no 4º andar de um apartamento de azulejos azuis em Piedade, Jaboatão dos Guararapes.

## **O desfecho de incertezas**

Com esse terremoto vieram outras consequências. Mais uma vez eu precisava desbravar novos lugares. Agora sozinha, com uma bagagem de incertezas e um peito oco, que era o espaço da esperança quase morta estar sentada. Depois da grande queda, eu já sabia que nada seria igual, nem poderia. Já sentia que precisava me preparar para coisas grandes e despedidas. Desde aquele dia minha relação com minha casa ficou mais dolorida. Cada espacinho tinha cheiro de última vez. Não sei me despedir. Desde a 6º serie sou péssima com conclusões de redações na escola, isso deve explicar minha resistência em me dizer adeus. Mais uma vez, e com a certeza que não

será a última, vou precisar criar novos vínculos com os espaços, dessa vez estou indo para outro bairro, onde vou morar oficialmente só com Vênus. Agora, só me resta passar alguns segundos em cada janela dessa quase antiga casa que iniciei a quarentena, descansando a vista ao máximo que ela alcança e captando cada detalhe que possa enquadrar.

Fica aqui meu olhar carinhoso de quem escreve isso no meio da história, as soluções ainda são turvas, mas espero que existam. Percebo que era mais do que habitar um espaço de um apartamento, mas habitar um corpo inteiro, que é extenso e profundo. O que é o invisível que nos diz que devemos ficar, continuar e esperar para ver onde a história acaba? E pior, precisar crer na possibilidade de fazer isso com empolgação e esperança. É difícil entender como se deve esperar que algo funcione e reluza através de uma cortina de fumaça. Entre a bagunça de caixas e burocracias para desmaranhar, a esperança desnutrida e franzina não sabe em que fonte beber otimismo, mas sabe que precisa do alimento. Hoje eu tento dar uma gota de futuro para a tão pequena esperança que insiste em respirar, e conto com a colaboração do conteúdo invisível que esse novo recomeço me obriga a viver e preencher.

## **hospital com a pressão alta...**





6:30

Rajesh

# PUÉRPERA: AS CAMADAS DE UMA MÃE EM DUAS QUARENTENAS

DHARMA CAVALCANTE

**S**eis e meia da manhã. O despertador toca. Ele não produz um som tão tradicional de despertadores. Gemidos, tentativas de fala e pequenos gritinhos. Ele olha para mim, me cutuca – mesmo que involuntariamente – e me avisa que mais um dia começou. Ainda com o corpo dolorido por ter dormido a noite inteira na mesma posição, levanto um pouco a cabeça até nossos olhares se cruzarem e tento me preencher de alegria e disposição para levantar totalmente com ele. Em pé de frente para cama, o puxo até perto de mim, tiro suas meias, fralda e regata, às vezes um body. É o momento de ficar pelado até a hora do banho. Ao abrir a porta do quarto, seus olhos se enchem de vida ao ver a

luz, os sorrisos vêm um atrás do outro. Em um momento, sento com ele na cadeira de balanço, na sala; em outro, deito no sofá com ele na minha barriga; ando pela sala; recebo algumas (várias) mijadas; tenho meu seio sugado infinitas vezes.

Faz tantos dias desde que escrevi o último e primeiro parágrafo. Tudo está um caos. Dentro e fora. Penso como as coisas vão acontecendo silenciosamente bem na nossa frente e só percebemos quando chegam ao extremo. Se eu tivesse promovido logo uma reunião nós três. Se eu tivesse colocado em prática a meditação em “família” que tanto pensei. Talvez nada disso estaria dessa forma. Escrevo agora

na rede – esse lugar que tanto me acolheu nos meus momentos mais profundos – depois de mais um episódio de lágrimas existenciais. Meu filho é quem tira o único sorriso singelo que consigo dar e quem mantém um pouco da minha energia vital.

180 dias. Não há de ser a quarentena. Ou talvez ela tenha sido uma grande lua cheia em tudo. Tem de se considerar também, que venho em quarentena desde janeiro. Estamos em junho. A pandemia e o isolamento começaram há pouco, comparando com o meu próprio. Desde que Samadhi nasceu, eu mal vejo o mundo, mal vejo as pessoas. Poucas exceções quando fui ao pediatra... no seu primeiro mesversário... e algumas visitas que quis receber. Contraditoriamente, eu não sei o que seria de mim, na quarentena global, sem o meu pequeno. Ele é, sem dúvidas, minha mola propulsora diária. Apesar de muitas vezes vir a mente que seria tão mais fácil sem ele, ser fácil não é sinônimo de ser melhor.

Uma hora da tarde de uma quinta-feira. Calor. Obra no apartamento de cima. Samadhi já tirou seu primeiro cochilo do dia, e eu também. Na sala, sacolas de mercado em cima do rack, depois de terem sido lavadas, esperando virar saco para lixeira. Papai pendura as fraldas ecológicas – praticamente todas porque acumulamos 3 dias; só tem apenas uma fralda para ele usar durante a tarde. Enquanto isso,

tento enrolar Samadhi na cadeirinha de descanso para poder escrever. O chão do cômodo encontra-se completamente imundo, tem golfo embaixo da cadeira de balanço, alimentando algumas formigas, que pingou no chão e não percebemos; em cima da mesa tudo que não deveria estar ali: pano de prato, uma camisa, desodorante, creme de pentear, traveseiro do quarto (!!!!). Virginiana que sou, sigo tentando não surtar e entender que não dá para fazer tudo. Júlio (o papai) acabou de queimar o arroz. Samadhi começa a gritar, a obra de cima parece querer competir.

Estamos tentando nos sair bem na faculdade. Júlio cursa arquitetura, e também está no final da graduação. Ele, com 5 cadeiras neste período – a maioria projetos arquitetônicos enormes, como um hospital – está fazendo a maioria sozinho. Dividimos o meu notebook, o dele quebrou fazem alguns meses. Enquanto ele adentra a madrugada para tentar fazer suas atividades, eu aproveito as brechas do dia para realizar as minhas. Vamos tentando equilibrar isso e as outras responsabilidades. Samadhi é a prioridade. As outras coisas, como a organização da casa, ficam de lado. A energia por aqui tem sido densa, pesada... minha mente não está aguentando.

° Barata. É mesmo uma barata? O quarto se encontra todo azul à luz do abajur, o som do útero ainda está tocando, deve ser perto do

amanhecer. É uma barata! E enorme! Bem no meio da porta do guarda-roupa. Cutuco desesperadamente Júlio, afim de que ele acorde e vá matá-la imediatamente. Eu possuo pavor de baratas, tenho uma ideia meio mística de que não é por nada que uma barata se apresenta, assim como qualquer outro inseto/animal. E baratas não representam boa coisa. E logo ali, no nosso quarto, bem no guarda-roupa. Eu já estava acordada porque Samadhi havia despertado, fato esse que nunca acontece no meio da madrugada. Júlio se levantou prontamente, eu me escondi debaixo do cobertor e só sai quando ouvi o barulho da sandália contra o móvel, indicando que a invasora tinha morrido. Podia ser uma cena engraçada, e eu queria que tivesse sido. Mas, ao invés disso, eu tive um surto. Chorei como uma criança, de início pelo o que a barata me provoca. Contudo não foi por ela em si. Eu não sei dizer o quê. Meu corpo e minha mente entraram em colapso. Não conseguia parar de chorar e o choro só fazia aumentar, aumentar, aumentar... Já não sabia qual era a razão. Júlio por sua vez, achou que era uma reação exagerada por causa de uma barata. E por isso se deitou. Se ele soubesse que aquilo era muito mais do que parecia ser...., mas eu compreendo.... Nem eu mesma me entendia. Sam permanecia acordado me vendo naquele estado. Me sentia sozinha, desamparada. Quando o papai percebeu que eu não iria parar, levantou. Já era tarde, eu me afastei. A bola de neve só aumentava. O que

se sucedeu prefiro guardar para mim. A cena terminou comigo tremendo, aos prantos, no colo da minha mãe, depois de ter machucado a mim mesma e ao meu companheiro. Pela janela, a luz baixa e cinzenta do dia chegava, tornando tudo mais melancólico. O silêncio da manhã, quebrado por todo o burburinho, voltava a se estabelecer, sendo interrompido apenas pelos soluços, que anunciavam o fim daquele episódio.

Fazem uns bens três dias que Samadhi está dando muito trabalho para dormir de noite. Sempre foi muito tranquilo, vez ou outra demonstrava um pouco mais, porém nada se compara a esses dias. Parece uma guerra travada entre eu e ele, ele e o próprio sono, eu e meu estresse. Não sei se tem a ver com o que aconteceu no dia da barata. São tantas emoções dentro de mim. Me sinto realmente ficando louca. Tanto faz estar amorosa, como no segundo seguinte eu não querer mais namorar e conviver com o pai de meu filho. É muito difícil lidar com isso tudo. Já pensei em terminar meu relacionamento várias vezes e já o fiz de fato, contudo mais pareceu com um corte de relação entre crianças. Qualquer mínima coisa é um fardo enorme para mim, minha mente demonstra tão logo não conseguir lidar. Respiro. "Inspira, expira, inspira, expira"

A verdade é que a nova rotina relacionada à pandemia não é uma questão. A pandemia

em si não me causa medo ou qualquer sentimento desestabilizador. Eu confio e acredito que tudo isso faz parte de um propósito maior, que a Terra está passando por um grande pico de transformação, a chegada da Nova Era. Uma verdadeira limpeza energética e espiritual; muitas pessoas partindo e muitos seres chegando. Assim como vários outros eventos ao longo da história planetária: guerras, outras pandemias, etc. Tudo faz parte de uma força maior, assim eu acredito. Então não sofro por isso em si. Faço minha parte como indivíduo de uma sociedade, e sei que tudo isso vai passar. Estar isolada dentro de casa a tanto tempo, precisando lidar de frente com tantos processos internos, isso sim é difícil pra caramba. Mas sei que faz parte e que eu preciso passar por isso tudo. E que vai passar também. Outros momentos difíceis virão, assim como inúmeras situações radiantes, vivas e felizes.

Ontem foi o quinto mesvesário de Sam. Domingo, 14 de junho de 2020. Fiz bolo e às 18h cantamos os parabéns. Gosto de celebrar sua vida todos meses, reunir a família, que ao todo

tem sido: Regina, minha mãe; Kellia, minha tia; Alailza, minha avó; Marina, minha sobrinha; eu, Júlio e Samadhi. Hoje finalmente terminei o livro que precisava ler para faculdade. A Sangue de frio, de Truman Capote. As considerações ficam para um próximo texto. São quase duas da tarde, Júlio dobra os paninhos do nosso filho, que está dormindo. Eu escrevo aqui, enquanto escuto uma playlist de música lo-fi no YouTube, com o seguinte título "music to put you in a better mood", em português "música para deixar você em um melhor humor". Olho para a aranha que construiu uma teia incrível na janela da sala, e de fato, me sinto bem ouvindo esse som. A cadeira de balanço hospeda uma pilha de roupas para dobrar, o chão da casa segue cheia de poeira, migalhas de comida e fiapos de cabelos; em cima da mesa mais roupas, dessa vez já dobradas esperando a pelo menos 3 dias ir para o guarda-roupa. Pelo menos lavei o banheiro e Júlio, os pratos. Vou me adiantar, ainda tenho três textos para fazer. Já, já Samadhi acorda.



# PROCURADO



INDIVÍDUO ALTAMENTE

**CONTAGIOSO!**

recompensa-se bem

**LIGUE 190**

*Prophet*

# RELATOS DE UMA QUARENTENA FORÇADA E NADA DESEJADA, MAS NECESSÁRIA

ARYAGNE TAWANE

## O fugitivo contagiante

**A** história toda se passou em cinco dias. Tudo começou quando um cliente da minha família (todos os integrantes trabalham com comércio) perdeu sua esposa por causa da Covid-19. Todos lamentaram a perda de uma conhecida que os frequentava há anos. O problema surgiu da dor provocada pelo luto do viúvo e pelo desespero de descobrir que também tinha testado positivo para o Coronavírus. Em sua fase de negação ele não aceitou o diagnóstico pelo qual temia ter o mesmo destino de sua esposa. Manteve sua rotina normal e se recusava a usar máscaras, o que justificava por “não estar doente”.

Em um dia qualquer ele foi fazer sua feira no mercadinho de vovô, onde também trabalham alguns dos tios e suas esposas, deixando todos apreensivos. O resultado foi todos saíram do local com medo do contágio e apenas um deles permaneceu, aquele que estava no caixa. Quando o cliente se retirou todos voltaram e fizeram uma grande limpeza à base de álcool. E a partir daí essa história inicia sua contagem de dias. Dois dias após sua visita de compras circulava no grupo de WhatsApp da família a notícia de que ele tinha sido denunciado para a Secretaria de saúde e Polícia Militar por estar contaminando as pessoas de propósito. Pelo o que corria ele estava preocupado de vir a falecer e não queria ir “dessa para melhor” sozinho. O alerta que estava sendo repassado

para todos do bairro, e proximidades, constava com foto e endereço do tal infectado inconsequente. Além, é claro, do aviso de que caso fosse visto deveria ligar imediatamente para o 190 e relatar seu paradeiro, pois ele agora era considerado um fugitivo. Após ter sido denunciado ele ficou desaparecido, simplesmente não voltava para casa, logo ficou óbvio de que não estaria abrigado na casa de familiares porque não havia nenhum próximo. Apenas sumiu.

É interessante observar o caminho que as notícias dele seguiu, um verdadeiro efeito dominó. Fiquei sabendo os detalhes da história por minha mãe, depois que meu pai contou a ela. Ele havia escutado pela cabeleireira que trabalha em frente à mercearia deles, que por sua vez foi informada por sua cliente que coincidentemente é vizinha do Fugitivo. Aparentemente ela deixou a entender que foi ela quem o denunciou por estar com medo de ser infectada, já que mora no mesmo prédio de condomínio. Foi por essa mesma linha de telefone sem fio que também foi passado que depois de três dias a polícia encontrou o tal desaparecido.

Mas como esse não é o melhor método para se informar, os mistérios que rodeiam o Fugitivo ainda permanecem: Onde ele estava nesses três dias sem voltar para casa? Como ele foi encontrado? E aquela que gera uma dúvida coletiva: O que aconteceu depois que a polícia

o encontrou? Parece que o lado da linha da 'vizinha denunciadora' ficou muda e só podemos nos contentar em saber que ele foi encontrado pela polícia, apesar de não saber exatamente quem disse isso, mas que continua desaparecido de nossos ouvidos (e ainda bem, dos nossos olhos).

## Retirada na calada na noite

O cerco estava se fechando. Todos os vizinhos pareciam estar sendo infectados. Em um pequeno condomínio com dez casas, os moradores estavam divididos em duas categorias: Os infectados e aqueles que ainda não estavam. Para tentar escapar alguns começaram a deixar suas casas para ficar em um lugar mais isolado. E nós (esse nós sendo mãe, pai, irmão, prima, avó, tia e eu) que praticamente moramos na casa de vovó, que é quem faz parte desse condomínio, decidimos fazer as malas e ser da porcentagem daqueles que escaparam.

O destino foi minha verdadeira casa. Como lá não possui nenhum pertence necessário todos precisavam ser postos nas malas que deveriam ficar prontas em seis horas. Agora imagine você fazer uma mudança por tempo indeterminado e ter que escolher apenas o necessário. Com a bela fama de sempre carregar muitas coisas é claro que o centro do estresse na hora de decidir o que levar cairia sobre mim. E como sou apegada demais às várias coisas que rodeiam meu cotidiano, e meu infinito universo de “e se eu resolver fazer tal coisa”, a minha lista era enorme. O resultado desse impasse, meu lado obscuro da futilidade emergindo, terminou em seis malas cheias, fora as bagagens que não cabiam em canto nenhum e precisaram ser carregadas individualmente na mão.

Uma dessas era minha caixa com materiais para bordar, mas todo mundo que me conhece sabe que eu não sei bordar, mas é claro que eu imaginei que poderia ficar com vontade de aprender se tivesse tempo (foi a mesma desculpa para comprar linhas, bastidores e todo o tipo de agulhas). Em uma brincadeira, uma tia mandou uma foto das minhas coisas para a minha mãe que estava trabalhando. A resposta veio em um piscar de olhos: “- Pode desistir, não vai levar tudo isso”. Para manter a calma fiz uma análise de tudo que tinha dentro de cada bolsa, nem tudo era usado só por mim, então eu dividi minhas malas. Elas foram estrategicamente calculadas para serem nomeadas como “não minhas” e estar dentro de um limite que minha mãe deixasse passar. Uma ficou com meu irmão, uma com minha prima e uma com minha tia. No fim eu só teria três malas oficialmente no meu nome e o resto eu tive que pesar para ver o que eu carregaria na mão e o que eu infelizmente teria que deixar.

Peguei tudo que pude, a regra é: Se eu posso carregar, então está dentro dos limites. Senti-me uma verdadeira formiguinha, tirando a piada com minha altura, eu estava carregando mais do que o meu próprio peso. Tive que deixar meu kit de modelagem de biscuit, minha maleta de recortes de borboletas e minha caixa completa da câmera (senti muito). Sinto falta dessas coisas? Todos os dias! Teria usado se levasse comigo? Não posso ter certeza. E tem aquelas coisas que só descobri que estava



*Raphel*

precisando depois de passar os dias. Às vezes é melhor levar e não usar do que não levar e lamentar por descobrir que precisa. E assim, depois desse embate com a quantidade de malas, sucedeu-se nossa retirada na calada da noite. Que de calada não teve nada, pois somos muito barulhentos e, também, porque o horário da partida não ultrapassava as 20h. Aquilo que começou com o relato de um cenário digno de um filme apocalíptico sucedeu-se em uma exposição do quanto estou presa na minha realidade de apego material.

### **A senhora morte brinca de roleta-russa**

Os noticiários apresentam mortes o tempo todo, principalmente depois da Covid-19. Apesar do choque de saber que tanta gente tem perdido a vida, a empatia pela morte de um desconhecido só chega a um determinado nível. Entretanto, e quando são pessoas próximas? Apesar de sabermos que o destino da vida é a morte, não parecemos achar que isso é o que vai acontecer com nossos entes queridos. Não aceitamos muito bem essa realidade e simplesmente escolhemos fingir demência até o dia chegar. Foi o que todos fizemos até quando a hora de minha bisavó veio.

Uma semana antes da Páscoa, dois dias antes de completar seus 90 anos de vida. Ela já vinha com problemas de saúde e estava internada há pelo menos dois meses. Os médicos já tinham avisado que era só esperar sua partida,

mas, mesmo assim, costumamos a deixar a ficha cair. Mantemos as esperanças até o hospital ligar e pedir que um familiar compareça, a notícia que ele vai passar pessoalmente já é pressuposta, mas não menos dolorosa. O país está em quarentena, então a última despedida não vai acontecer mesmo que não tenha sido uma paciente suspeita. Funerais são muito perigosos a essa altura.

Mas não são apenas parentes que nos fazem sentir o peso da realidade. Quando são amigos ou conhecidos próximos também é despertado um pesar sobre nós. Não é só a morte, pode ser quando são diagnosticados com essa nova doença. Foi o senhor da peixaria da rua, não tínhamos tanta intimidade, mesmo assim choca e atinge diretamente ao saber que foi uma pessoa tão próxima fisicamente. Ele infelizmente faleceu. Outros também acabaram descobertos testando positivo para os exames.

Cinco vizinhos que se mantiveram no condomínio: um conhecido da família que até já foi meu entrevistado uma vez para um trabalho; o instrutor de hidroginástica de mainha, que foi quem me deu aulas de natação quando eu tinha meus sete anos; a irmã e esposa dele também... todos infectados. Muitos deles estão em péssimas condições de saúde e receio pelo bem estar deles. O impacto dessas notícias nos atinge e é difícil não sentir medo. Alguns deles estão por um fio entre a vida e a morte. Parece que a senhora morte está brincando

de roleta russa, mas não possui apenas uma bala no tambor e não nos deixa avisados que estamos na brincadeira. Possui várias balas e nos faz suspense em quem vai atingir. Às vezes é quem menos se espera e mesmo que já tenha dado indícios o resultado é sempre amedrontador. Mesmo em pleno século 21, com a grande evolução da ciência e dos mais variados campos do estudo, a morte continua o maior mistério da humanidade. É, e parece que continuará sendo, o maior temor dos que estão vivos.

### **Essa comida tem dono!**

Estar confinado em casa durante as 24h de todos os sete dias da semana te faz conviver, felizmente ou infelizmente, mais intensamente com seus familiares. Excluindo as duas únicas pessoas que ainda saem para trabalhar (mainha e painho) sobram cinco, vivendo em um regime fechado, em minha casa. Como uma pessoa de personalidade forte e gênio sensivelmente irascível admito que meu modo de convivência se assemelha a uma bomba armada. Difícil alguém conseguir sair ileso. E se analisarmos as características pessoais de cada um que agora fazem parte da minha rotina de forma incessante, sim, teremos a fórmula perfeita para explosões periódicas.

Se fôssemos medir a porcentagem do aumento de desentendimentos e discussões teriam um grande salto nos níveis dessa pesquisa.

Mas a culpa não deve recair apenas em meus ombros, longe disso, os outros membros também possuem desencontros opinativos bastante calorosos. Mas aqueles que envolvem a minha pessoa diretamente merecem um tipo diferente de holofote. Enquanto alguns discutem suas ligações parentais, eu entro em embates envolvendo comida. Está faltando para algum de nós? Claramente não, e esse é provavelmente o motivo maior de minha indignação e teimosia em não os perdoar.

Caixas com pacotes dos mais variados biscoitos foram levados no início da quarentena para casa. A variedade é bem abrangente e qualquer um pode escolher o que quiser. Para alguém que gosta muito de beber chá, os biscoitos apropriados são mais simples. Eu prefiro os de leite e sem recheio. É por essa razão que a cada três meses, quando eu participo das compras alimentícias, coloco no carrinho uma embalagem que vem três pacotinhos desse biscoito e alguns veganos. Como o tempo de compras é bem espaçoso, eu tento fazer render minhas poucas unidades. Antes eu surtava por procurar no armário e ver que tinham sumido, agora eu surto por estar em casa e ver pegarem. Todos sabem dos meus biscoitos e mesmo assim pegam, conscientes. E o pior, são debochados em dizer que abriram e comem mesmo. Quando eu vejo que é meu irmão de 13 anos, eu o julgo infantil e me sinto mais infantil ainda por estar brigando por biscoitos com ele, mas quando é minha

tia de mais de 40 anos eu fico em um estado de perplexidade que não cabe em palavras. Como uma pessoa mais velha ela deveria dar o exemplo.

Mas não é só por biscoitos que se briga, não é mesmo? Como a casa possui uma doceira formada e todos os outros aprenderam por costume ao longo do tempo, bem, fazemos nossos próprios ovos de Páscoa todos os anos. O meu já estava decidido há tempos. A casca seria chocolate branco com cookies e os recheios seriam dois: um de doce de leite, que a lata eu já tinha comprado para poupar trabalho, e o outro seria de brigadeiro de paçoca. Para o último eu precisava das paçocas, pedi a minha mãe que trouxesse ao voltar para casa. Em um erro de cálculo ela trouxe apenas cinco unidades. Tudo bem, a culpa foi minha de não ter especificado o número delas. Eu ia me virar com o que tinha.

Dois dias depois fui procurar minha sacolinha, separada com todos os ingredientes que eu iria usar para fazer os ovos, e tudo tinha desaparecido. Por sorte, tudo tinha sido retirado por minha avó, que soube me dizer onde cada coisa estava. Entretanto faltavam as paçocas. “Sua tia comeu”, foi a resposta que recebi. Mais uma explosão, do meu ponto de vista eu estava coberta de razão, agora o meu ovo recheado estaria sem o recheio. É sempre bom lembrar que não vou logo fazendo estardalhaço, eu respiro fundo e dou a chance da

pessoa se explicar em uma conversa amigável. O problema sempre surge quando o outro lado revira os olhos e faz pouco caso. A vontade que dá sempre que essas coisas acontecem é pegar qualquer coisa que seja da outra pessoa e comer, principalmente porque não podemos comprar outro na hora que quisermos por não estarmos saindo de casa para nada. Porém em minha angústia de ter perdido algo que eu queria sinto que o peso da culpa por tirar algo assim de alguém, mesmo que seja para dar o troco, me impede... ainda (ou talvez seja porque se eu o fizer minha mãe reclama). Os parênteses fazem mais sentido, mas vamos fingir que o sentimento que eu tenho lá no fundo e me faz parecer um pouco mais generosa é o que prevalece.

### **O amor é lindo, mas também é egoísta e nunca quer dar adeus**

Com quase dois meses de quarentena, meu contato com meus dois cachorros se intensificou muito. Nunca tive tantos dias para ficar o tempo inteiro ao lado deles. Foi o melhor tempo para mimá-los. Leão, um vira-lata muito comprido que chega a minha altura se ficar de pé, é o companheiro mais dócil e carinhoso que se pode ter. Nasceu dentro de minha casa e já tem seus oito aninhos. Aprendeu por instinto a ser um verdadeiro cão de guarda, nunca está realmente dormindo, atento até aos mínimos sons. Nunca teve medo de nada, disposto até a enfrentar outros cães mui-

to maiores que ele. Delicado como nenhum outro, bem comportado, respeita as crianças e é simpático com qualquer um que se mostre uma boa pessoa ou que permitirmos dentro de casa.

Thor, ganhei de presente de aniversário nos meus 14 anos, veio com quatro meses e nunca engordou o tanto que eu vejo outros labradores, apesar de comer até não poder mais. Com seus cinco anos já completos foi desde o início aceito pelo primeiro e ficaram muito ligados um ao outro. Apesar de não ser tão obediente é o cachorrinho mais alegre e brincalhão que podemos ver. Adora pular apesar de seu tamanho e está sempre disposto a um carinho, tanto que chega a ser muito ciumento quando estamos falando só com o outro e não com ele. Aprendeu a ser um cão de guarda imitando e seguindo o exemplo do mais experiente. No meio da quarentena levei meu primeiro susto. Presenciei Leão ter convulsão, fiquei assustada e não sabia o que fazer. Minha tia disse que podia ser normal na idade dele que já é considerado velho. Ele teve mais três vezes. O veterinário foi chamado e aplicou injeções com uma única certeza: Se ele melhorasse, daqui a uma semana ele voltaria para aplicar uma segunda dose. Prescreveu alguns medicamentos e ficaria aguardando.

Passei a ficar os dias inteiros ao lado dele. Estudava e fazia qualquer outra atividade em qualquer lugar onde eu pudesse vigiá-lo, da

hora que eu levantava da cama até a hora que ia me deitar. Ele começou a piorar e já não queria mais comer nada. Minha mãe, chorando, disse que se até a volta do médico ele não melhorasse e soubesse que ele estava sentindo dor ela pediria a eutanásia. Eu decidi fazer tudo que estivesse ao meu alcance, ele iria ficar bom. Não permiti que ele ficasse sem se alimentar. Toda vez que eu fazia as minhas refeições eu ia até ele. Como ele não queria mastigar fazia comidas pastosas: Canja de galinha passada no liquidificador, mingau de cachorro, papinhas, pirão... qualquer comida com muitos nutrientes que o ajudasse a ficar forte. Entretanto ele não queria comer sozinho, então se fosse líquido o suficiente eu sentava em frente a ele e enquanto uma mão sustentava a cabeça para ele não deitar a outra colocava uma seringa na boca dele para que ele engolisse a comida. Se fosse pastosa, abria a boca dele e dava a comida de colher. Meu planner de estudos acabou virando um relatório digno de uma enfermeira ou uma babá. Anotava tudo o que ele comesse e a quantidade, os horários dos remédios, qualquer sintoma que ele demonstrasse. Criei um cardápio junto com minha tia para cada dia da semana e para todas as refeições, improvisando os lanchinhos.

O problema dele, segundo o médico, era uma infecção no pulmão. Ele se sentia muito cansado, então parou de se levantar. Eram poucas as vezes em que não estava deitado, geralmente para fazer suas necessidades ou beber água.

Ele não vinha nem se a gente chamasse. Ele que adorava passear, e estávamos fazendo isso diariamente, não quis mais sair de casa e paramos de levá-lo. O que mais gostava, leite, já não chamava sua atenção e nem o deixava animado para comer. Não tinha tido mais nenhuma convulsão e também sua respiração tinha melhorado bastante.

O médico decidiu vir um dia antes do combinado já que ele se apresentava melhor, minha mãe acha que o veterinário não esperava que ele sobrevivesse a uma semana. Mas eu estava muito esperançosa. Ficaria como uma babá o tempo inteiro e não deixaria que ele fraquejasse. No mesmo dia, à noite, estávamos na cozinha pegando o jantar dele quando ouvi um barulho, e como há dias eu fico assustada com barulhos, fui na frente conferir se estava tudo bem. Pelo jeito ele tinha acabado de ter outra convulsão, mas forte o bastante para não se recuperar. Presenciei-o nos braços de minha mãe e minha tia dando seus últimos suspiros. Às 20h30 do dia 12 de maio de 2020, Leão veio a óbito. Meu querido anjinho na terra foi brilhar no céu.

Meu pai que nunca gostou de cachorros, gostava dele e se mostrou muito sensível ao assunto. Iríamos enterrá-lo na área de terra da casa, em meio às plantas, por sugestão de meu pai. Todavia ele mesmo não suportou a ideia, disse que iria se sentir mal toda vez que passasse pelo cantinho e soubesse que ele es-

tava ali. Ele preferiu o levar para longe e essa foi a última vez que o vi.

Minha mãe, para me consolar, disse que por ele estar muito cansado tinha descansado agora. Estou triste pelo o que aconteceu, tudo o que faço o lembra e eu choro. É difícil olhar para Thor e não o sentir tão solitário. Ele viu tudo e acho que entende o que aconteceu, pois chora quando está sozinho. Olhar para ele me machuca. E eu não posso deixar de pensar em como o amor é lindo, se mostra de todas as formas, como o que eu sinto por eles e os considero como parte da família. Mas o amor também é egoísta, eu não paro de pensar em como o queria aqui. Parece um egoísmo sem tamanho já que eu não sei o quanto ele estava sofrendo. Talvez o amor seja assim mesmo, as vezes egoísmo demonstrado através da tristeza daqueles que ficaram e têm que seguir em frente. Talvez esse seja um mecanismo de defesa para superar, lamentar de todas as formas e expor esse lado nem tão bonito do sentimento, porque somos humanos e mesmo que o tempo passe não foi descoberto ainda a fórmula certa para lidar com a dor. Quero acreditar que foi o melhor para ele, mas ainda dói. E porque dói não vai ser fácil. E por não ser fácil eu tenho certeza que o amo demais. Vou guardá-lo para sempre, com carinho, no coração.



Popcorn

## **Pressão arterial: Desse jeito é que se medem os altos e baixos da vida**

Minha avó é uma pessoa que passa o dia inteiro preocupada, seja com o café da manhã, o almoço, o jantar, os lanches entre as refeições, roupas para lavar, as minhas roupas que ela insiste em que eu arrume, as suas costuras... Não há um único momento que ela não esteja com algo na cabeça que lhe tire o sossego. Não para quieta por nada, a não ser que seja uma mini pausa para uma xícara de café. Só anda correndo dentro de casa. Focada em muitos afazeres quase se esqueceu de um: “Os panos! Tenho que tirar antes de chover”, isso por causa de uma pequena nuvem que fez sombra.

Em sua pressa foi distraída pelo caminho e quando chegou perto da porta da frente bateu o rosto com tudo. A porta por ser de vidro não foi vista. O resultado foi uma desorientação momentânea, um nariz inchado e muito sangue. Nós três – eu, Duda e tia – ficamos muito preocupadas e logo a fizemos sentar, ela sentia que ia desmaiar. Passados alguns minutos o sangue não parava de escorrer, pensamos no pior: ela quebrou o nariz. Estávamos entrando em desespero silencioso para que ela não ficasse mais nervosa. Como iríamos levá-la ao hospital nesse tempo em que nos encontramos? Ela também não queria ir, tem medo de se contaminar ao pisar em qualquer lugar além dos muros da casa.

Com o tempo o sangue parou, tocamos seu nariz para conferir que nada havia saído do lugar e procuramos qualquer outro ferimento que poderia ter sido causado pelos óculos que usava na hora. Tudo estava em ordem, só teria que passar uns poucos dias com o rosto um pouco inchado. Resolvemos medir sua pressão e seus batimentos cardíacos, já que ela sofre de problemas de saúde relacionado a ambos. Sua hipertensão deu as caras e sua pressão arterial apontava 15/9 e seu coração estava mais tranquilo, 88 bpm. Como fiquei muito nervosa fui aferir também, ao contrário dela estou mais propensa a hipotensão, deu 8/6, e meu coração sempre disparado alcançou seus 138 bpm. Vovó achou graça, disse que pareço ser mais nervosa que ela.

A dor de cabeça estava garantida para o resto do dia, assim como tonturas ocasionais, náuseas e muito sono. Sintomas costumeiros de uma vida à beira de baixas na pressão. Na verdade, para outras pessoas o meu normal já é baixo. levando isso para o lado filosófico, acho que a vida é assim. Às vezes lá embaixo, às vezes no caminho e outras vezes lá em cima. Nem todos os momentos são bons, mas todos são importantes na nossa jornada. A mesma situação que deixou minha avó nervosa, também a fez rir. Da mesma forma, aquilo que me fez manter a calma para ajudá-la no que fosse preciso também me desestabilizou passado o momento da adrenalina. Somos um conjunto de altos e baixos constante. Semelhante

a pressão arterial onde temos a sistólica e a diastólica, uma sempre mais alta que a outra.

### **Amor, como conhecê-lo de pijama?**

Dizem que você nunca consegue amar aos 30 ou aos 40 do mesmo jeito que ama quando tem 20 anos. Estudiosos, cientistas ou só desiludidos (quem quer que sejam) garantem que a paixão ao longo do tempo fica mais branda, não temos mais o fogo e a intensidade típicos da jovialidade. Essa informação vi em alguma página de curiosidades do Instagram enquanto fazia um intervalo entre os trabalhos da faculdade - que cresceram em taxas exorbitantes com o novo sistema de notas e com o suposto “tempo livre” que teríamos estando presos dentro de casa.

Nos meus critérios de idade 30/40 anos não é tão velho, mas decididamente não mais tão jovem. Tenho que teoricamente viver um amor agora, já que estou perto da faixa dos 20 anos (19 completos em plena quarentena), para poder comparar quando for mais velha e embasar/refutar essa teoria. O problema é: Como encontrar e conhecer esse amor avassalador que servirá de padrão para comparações e posicionamentos acerca de teorias alheias? Não consigo projetar respostas convincentes. Vi uma história de amor que conseguiu aflorar nesse tempo de pandemia. Passou no programa Fantástico, da Rede Globo. Um rapaz que se encantou por sua vizinha que dançava no

telhado. Olhares foram trocados e mais tarde seus números de telefone. Após algumas conversas um passeio foi marcado, respeitando os limites de proximidade. Ele até foi dentro de uma bolha gigante, o que deixou a história desse encontro ainda mais inusitada. A promessa que fica é que irão ter um encontro normal quando essa pandemia passar, mas até lá o clima de romance continua pelo celular.

A possibilidade não poderia ser mais difícil para mim. Moro em uma casa térrea e não consigo ver nada além do céu acima dos muros. Sem contar que não há muitos vizinhos, já que minha rua possui mais terrenos cobertos de vegetação do que pessoas morando. O lado esquerdo e a frente é tudo mato, o lado esquerdo e os fundos pertencem a um reservatório de óleo (??) - não se sabe exatamente as atividades que acontecem nesse espaço. Os mais próximos são: um casal de senhores, sempre dispostos a conversar, que já moram sem os filhos e os fantasmas do rancho.

Gosto de ver que todas as noites as luzes da varanda do primeiro andar do rancho estão acesas, mas nunca vejo ninguém as acender ou sair em algum momento para trabalhar ou comprar comida. Vizinhos que nunca sequer ouvi as vozes em oito anos, realmente um mistério. Admito, gosto de fantasiar sobre. Não cogito a hipótese de participar de sites de relacionamento, acredito que seja uma espécie de preconceito para com os usuários, mas me

parece uma medida de gente desesperada. E. Eu. Não. Estou. A probabilidade mais sensata seria encontrar dentro dos meus círculos sociais, mas para isso eu deveria ser no mínimo mais sociável e afeiçoada a conversas virtuais, o que não sou.

Mas se eu fizesse um esforço não teríamos resultados melhores. O círculo de amizades é escasso. Boas pessoas, mas conheço o suficiente para saber que não aconteceria. Tanto para o bem deles como para o meu. O círculo de trabalho não compõe o que tenho como um leve senso de tipo ideal: são velhos demais. Aqueles do curso de línguas são o contrário, novos demais. Os rapazes da faculdade não me agradam. Nada contra, mas não são pessoas que costumo me relacionar além da boa educação entre colegas de classe, ou conhecidos de vista. Não frequento a igreja ou pratico outro tipo de atividade para conhecer mais pessoas. E também não há nem a mais remota chance de isso acontecer enquanto a quarentena segue firme e sem previsões de acabar. Então eu ainda me pergunto: como achar um amor enquanto passo os dias de pijama, sem nem saber onde está o pente e fugindo de chamadas de vídeo? Com essa minha seletividade aparentemente estou fadada a ser a futura tia dos cães.

## **O mundo é feito de açúcar**

Acordo de mau humor, nenhum motivo aparente, e já é o suficiente para sair de cara emburrada pela casa. Já estou estressada, com raiva, me irrita com qualquer pessoa que passar por mim: o barulho dos passos me incomoda, a respiração está alta demais ou apenas o “Bom dia” recebido tem um tom animado que eu não suporto. Começo a gritar, sou grossa, tenho respostas afiadas para qualquer olhar. Não demora muito e ouço de alguém, principalmente da minha mãe, um “Vai comer algum doce”. Eu reviro os olhos e pego qualquer coisa que contenha açúcar, pode ser uma fatia de bolo recheado, um copo de leite bem adoçado ou um pedaço de chocolate. É instantâneo. Vou me transformando a cada toque da comida açucarada na minha boca. Em poucos minutos, o tempo de mastigar deliberadamente e engolir, eu sou outra pessoa. O mundo parece que ganhou outra cor, estou novamente com o sorriso fácil habitual e cumprimentando normalmente as pessoas ao meu redor como se nada tivesse acontecido poucos minutos atrás.

É assim que tenho passado meus dias. A quarentena me mantém em casa e esses episódios acontecem a qualquer momento. Porém esse hábito não é apenas de agora, faz parte da minha rotina diária muito antes de precisar ficar em isolamento. Demorou um tempo, mas depois de muitos anos todos em casa conseguem perceber a influência do açúcar

em mim. Na infância cheguei a achar que era chokolatra, meu dia não podia começar sem chocolate. Entretanto os mais amargos não são do meu gosto. Aos poucos notamos que não era o chocolate, qualquer docinho fazia o mesmo efeito. Em uma casa de doceiras o que não falta ao alcance de minhas mãos são as variedades de doces espalhados por toda a cozinha, e até mesmo escondidos pelo meu quarto. Doces no guarda-roupa para que quando sentisse vontade de comer não precisasse sair ou ouvir a perguntinha chata “Vai comer de novo?”

Tenho mania de sempre comer para qualquer mudança, pode ser ansiedade com algo, depois de uma discussão ou só porque deu vontade. Piora por estar praticamente presa dentro de casa. Sou do grupo de risco, problemas respiratórios desde que nasci, ir para qualquer lugar está fora de cogitação. Não há muita coisa para se distrair depois de passar horas estudando. Já cansei de assistir Netflix, olhar o Instagram ou salvar pins no Pinterest, meus olhos ficam cansados de tanta luminosidade dos aparelhos eletrônicos. Enfrento o tédio quando não aguento mais fazer trabalhos para a universidade ou o curso online que comprei. Parece que a única coisa que ainda não perdeu a graça foi a comida. Em casa é impossível não aprender as receitas preparadas e eu sempre gostei de fazer as sobremesas. “Quero comer alguma coisa”, e logo vejo algo doce inundando meu paladar, seja ele

pronto ou preparado na hora com a disposição movida por um capricho.

Duda, mais irmã do que prima por ter sido criada e ainda morar comigo desde muito nova, adora fazer limpezas faciais com produtos caseiros. A receita mais famosa para esfoliação: Colheres de açúcar misturadas com mel. Estando com mais tempo para cuidar de sua pele ela prepara a mistura com frequência. Não precisa de muito esforço para eu fazer parte da atividade. O engraçado é que o preparo é colocado no rosto, mas saboreado no processo. Acho que não deve existir coisa mais doce e mesmo assim nada tira o prazer de me deliciar com eles. Para uma viciada em açúcar meu mundo é coberto por ele, preenchido por ele, realmente fica péssimo quanto não o tenho por perto. Ficar presa dentro de casa me tira a paciência e aquilo que me traz mudanças no humor é tanto meu remédio como meu veneno. Afinal, essa cura milagrosa diária é o que me empurra cada dia mais para um destino que me parece inevitável: diabetes. Será que eu consigo comer menos? A resposta vem de experiências passadas: Esse já é o meu mínimo.

### **O valor das pessoas**

Certo dia, um amigo que compartilha comigo pensamentos aleatórios, me deu a solução perfeita para fugir desse “planeta em caos a ponto de sucumbir”; nós deveríamos comprar

um novo planeta para habitarmos. Ele disse que já vinha observando um pequeno terreno em Vênus, então eu fiz a pergunta mais decente de uma pessoa interessada:

- *Quando deve estar custando o lote?*

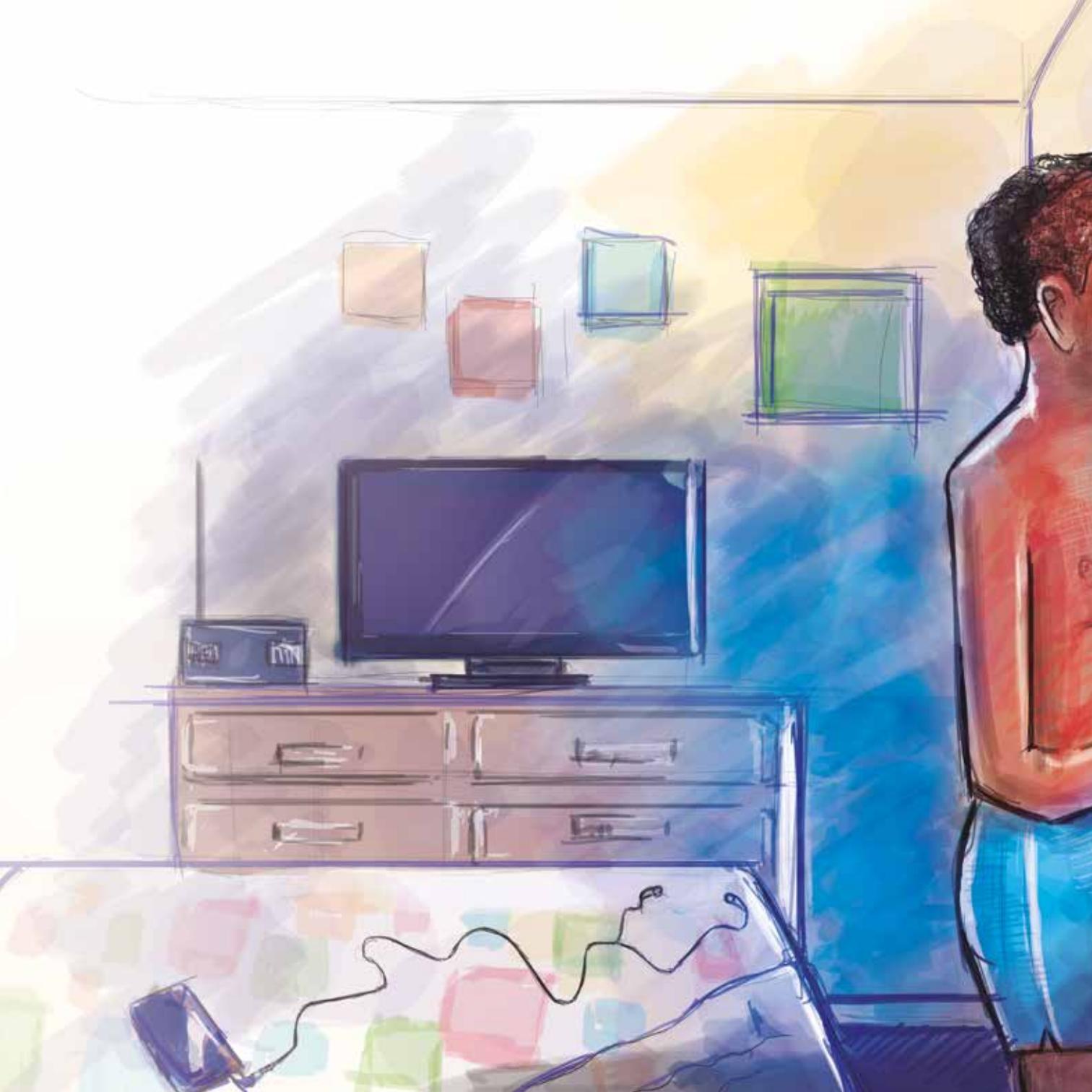
- *O preço do coração, do estômago e dos rins.*

O engraçado é que nem ele fazia ideia de quanto era esse valor. Procurando o valor dos órgãos no mercado descobri que o coração custa 195 mil dólares (R\$ 595 mil), o estômago custa 508 dólares (R\$ 2.540) e um rim custa 262 mil dólares (R\$ 1.310.000). Conversão feita com o valor da moeda à R\$5. - Então está custando R\$ 3.217.540. - Uma bagatela! Porém o valor do estômago lhe chamou a atenção de uma forma decepcionante, "Coitado, trabalha tanto para nada. Parece a maioria dos seres humanos".

E dessa forma paramos para pensar em como essa analogia é tão próxima da realidade. Nós, que não fazemos parte da minúscula parcela de podres de ricos, precisamos trabalhar muito a vida inteira e às vezes para nada. Imagine quantas vidas se perderam para a Covid sem que seus sonhos tenham se tornado realidade? É aquele rapaz da periferia que estava

trabalhando dia e noite juntando dinheiro para custear um cursinho preparatório para o Enem, porque sempre quis fazer Direito. É aquela senhora que finalmente tinha conseguido se aposentar e estava com planos de todo mês juntar o que sobrasse para enfim sair do aluguel. São as pessoas que para colocarem comida na mesa precisam trabalhar na quarentena, se expondo a todo tipo de riscos. Expondo seus familiares, os mesmos que os fazem reunir forças para aguentar tudo isso.

Meus pais trabalham, porque dizem que não conseguirão pagar as contas se ficarem em casa. Mas toda noite quando voltam tentam evitar chegar perto dos filhos. Isso porque eles têm minha faculdade para pagar, o colégio de meu irmão caçula, a feira para sete pessoas comerem... E se um deles ficar doente, não querem nem imaginar, para onde vão? Das setes pessoas, cinco estão no grupo de risco. Acho que a pandemia gerou os piores sentimentos de impotência. Não há nada como ter medo de perder seus parentes, e é desse jeito que percebemos o nosso valor perante aqueles que nos amam.





## UM OLHAR ADENTRO DO PANDEMÔNIO

**LUIZ ALENCAR**

**A** cintilação que vinha da luz refratada do asfalto duro se fazia crescer naqueles dias quentes. Dava para sentir o suor que escorria dos poros abertos sobre a pele úmida, enquanto a rádio anunciava mais um caso perdido. Depois disso era apenas silêncio. Passava o dia a olhar o movimento quase inexistente das esquinas que não eram cobertas pelas árvores. Por isso ainda conseguia observá-lo de longe. Aquelas ruas clamavam por abandono, mas ainda tinham corpos insistentes a ocupá-las com um fervor irracional. Essa teimosia ainda os levaria abaixo.

Quando o primeiro sonar do toque matinal fez seu barulho anunciando mais um dia da semana, abriu os olhos sem saber exatamente de quando se tratava. Poderia ser terça-feira, mesmo terça-feira ter acontecido há alguns dias. Ou tinha chances de ser domingo. Aquele dia estava com cara de domingo: barulhos diminutos, os cantos dos pássaros na sacada da varanda e um ar estranho

que tudo iria se reiniciar ao raiar do próximo sol. Era (ou ainda são) tempos distintos, onde incerto reinava com uma prepotência despreocupada sobre seus aventureiros. A quem coubesse a missão de desbravar as ruas desertas (ou quase desertas) o tempo reservava surpresas as quais o conhecimento final só era vos dado após o estrago. A peste do vírus que caíra sobre todos eles se alastrava silenciosamente enquanto fazia seu trabalho mortal de tirar a vida de milhões. De fato, sentia-se como em um campo de batalha sem trincheiras realmente eficazes para se proteger. Colocava a máscara e saía para mais uma guerra. Mas tinha ciência de uma coisa: travava essa luta pelas beiradas, pois colaborar com o coletivo era o que lhe restara. O trabalho árduo deixara para aqueles que tinham dominância sobre aquele caos. Afinal, não são todos que conseguem encarar um inimigo que não se pode ver.

Ligou o ventilador no nível três para esfriar a cabeça e tentar tirar algo passional de tudo. Aqueles quadrados, sejam eles a janela, a caixa da televisão ou os pixels do computador, já não eram o suficiente para lhe trazer uma perspectiva efetiva do que estava acontecendo. Precisava de mais. Enquanto os números inchavam aos cantos dos olhos, as comoções desvairavam-se em sentimentos de pouca relevância. Era o lado humano desfalecendo. O que ao seu ver deveria tratar-se de narrativas que foram sendo perdidas, agora, aqueles outros faziam a questão de enaltecer o que viria de ser a contramão de tudo que não desejava

naquele momento: apenas números. Junta-vam-se aos montes, como pessoas curiosas amontoam-se em torno de um acidente de carro em uma rua movimentada. Tornara-se cada vez mais difícil de digerir todo aquele descaso. E com isso, vinha a ânsia incansável que perambulava em sua mente anunciando a interrogação simbólica do que estava por vir. O abstrato agora era o dono do futuro, dando espaço a uma preocupação ainda não muito bem definida.

Se percebeu, pois, espaçoso. Tinha espaço para tudo; para desejos, para medos, para devaneios, entre outros mil turbilhões que não saberia desenvolver em palavras simples. O que parecia diminuir era apenas o espaço da casa. Já fora à sala três vezes aquela única manhã, passara pela cozinha para tomar o café preto já coado como de costume, e transitara no corredor um número de vezes que não cabia mais contar. Não havia mais cômodos para se instalar. Mas era em seu quarto que passava boa parte do tempo refletindo sobre o que atravessava aquela nova realidade. Outro lugar também que aparentava não ter mais espaço é do diálogo. Esse parecia se destinar aos que engoliam completamente a fala alheia, sem nem menos uma pausa para ouvir. Ouvir era uma dádiva de poucos, ainda mais se acompanhada de atenção. Se percebia, então, em uma peça de teatro. Ora, assistia lá de cima, de sua arquibancada privilegiada, todo o espetáculo maquiavélico montado para o desmonte de quem se opusera às atrocidades. Era uma peça completa: tinha a o lobo mau e

a chapeuzinho, e como plateia atenta, não conseguiria interferir na desenvoltura da história mesmo sabendo que a pobre menina de capa vermelha estava sendo enganada. Não conseguia dialogar para o palco. Quebrar a quarta parede não era uma opção por hora. Não teria para onde ir. Se correr o vírus pega, se ficar a ansiedade come.

A cidade dormia a todo entardecer, escondendo todas as verdades que não viriam à tona. A escuridão que tomava conta das vielas e das ruas alargadas clamava mais alto com um silêncio ensurdecedor dos que já partiram. A certeza era que não teria a objetividade por agora, mas ao menos resguardara sua subjetividade. Restava-lhe pensar, então. Pensava sobre conclusões, sobre possibilidades e efemeridades. O preto que dominava o céu das noites lhe acometia a esse estado pensante. Não lhe restava nada se não ponderar. Estava cheio de dúvidas e percalços. Em toda sua vida tinha como companheira a dúvida. Era ela que o ajudava a caminhar, sem ela estaria perdido. Mas a dúvida não era um privilégio que lhe cabia agora. Precisava de certezas advindas do sentimento humano. Aqueles números que subiam a cada dia não iriam significar nada se não refletisse sobre eles. O campo das ideias se tornou o inferno atual.

Para ele já era claro. Os fantasmas agora viam do futuro, se é que isso era possível. O passado passou a ser a utopia que não viria a ser concretizada novamente. O saudosismo tomava conta dos dias quentes que derretiam os

miolos das pessoas. Talvez seja por isso que muitos ainda teimavam em desobedecer às recomendações ficarem em seus espaços de limite. As ruas estavam cheias de passadismo. Enquanto tinha o costume de olhar para trás na tentativa de absorver algum aprendizado que seja, o presente insistia a insinuar a sua presença enfática em todos os âmbitos possíveis. Estava preso no instante vigente que o fazia deter-se frente aquele pandemônio. O espelho já se tornara o objeto que enxergava seu reflexo fantasmagórico. Será que iria conseguir passar por isso sem ser imprudente?

Em pequenos fracassos coniventes, iria se deitar mais uma vez a cabeça em lugares sem esperança. Equilibrava-se em momentos de delírios insuportáveis e na ânsia de desejos pela verdade que não viriam nem tão cedo se revelar. Como em toda hora de dormir, pensava sobre tudo que estava lhe acometendo a esse estado saudoso mesmo sabendo que não o viria a ser novamente. Nessa mesma noite, concluiu que não precisaria ligar o ventilador para amenizar aquela onda quente que pairara por muitos dias sobre todos. A chuva começava a cair fina trazendo um nevoeiro que embaçava as vistas mais perspicazes. Mesmo sem poder ver através, sem muitas certezas desses fantasmas futuros, tinha certeza de algo: depois da chuva, conseguiria ver um horizonte ao longe, e isso lhe bastava. Então deitou-se para dormir.





## UMA MÃE E OS SEUS EM TEMPOS DE PANDEMIA

RENATO ALMEIDA

### Intuitiva

Sábado, final da manhã, sol escaldante em Recife. O tempo parece exigir que tiremos algumas horas do dia em frente ao mar, ao lado dos amigos e de uma gelada. Há uma infinidade de coisas para se fazer, mas estou voltando para casa e não sei o que me espera. Ao caminhar mais um pouco e finalmente chegar em minha rua, de longe vejo ela com o pescoço inclinado para fora da janela. Ando mais rápido, tendo noção do meu atraso em relação ao horário combinado. Quando me aproximo, umas três residências antes da nossa, tenho acesso a mais detalhes: o olhar apreensivo a minha espera e a forma como a expressão tensa ganha um ar mais leve ao finalmente me identificar a poucos passos dali. Ainda, ela sai de repente do meu

campo de visão, certamente para descer as escadas, às pressas, e abrir o portão para mim - mesmo sabendo que eu tenho uma chave.

Sou recepcionado por uma expressão de alívio, mas também por olhos cerrados. Normalmente mainha utiliza palavras sutis para demonstrar sua insatisfação ou simplesmente fala o mínimo que pode de cara amarrada. Acredito que ela vai agir da segunda maneira. Desejo bom dia. Ela retribui, após alguns segundos de silêncio. Seus olhos estão atentos a mim, enquanto subo as escadas retirando os sapatos. Mainha aguarda eu tirar não só o calçado, mas também as meias que eu preciso urgentemente trocar. Ela balança a cabeça negativamente.

Embora eu já esteja com vinte e seis anos de idade, só no último ano me posicionei sobre passar noites fora de casa. Mainha sempre se valia do discurso que o mundo é um lugar cheio de maldade. Meu pai, por ser militar, acredita que no fim das contas, "as noitadas entre jovens", como ele costuma denominar, são sinônimos de uso desenfreado de drogas e baderna.

*- Por que não atendeu o celular? - Ela finalmente questiona.*

*- Ele descarregou. - pigarreio, buscando ganhar mais tempo, e então dou continuidade a des-*

*culpa. - Esqueci o carregador em casa.*

*- E ninguém tinha um por lá? - Pergunta, incrédula. - Não consigo acreditar nisso, Renato.*

*- Nós estávamos conversando, e eu esqueci de olhar o WhatsApp. - Confesso.*

*- Você ficou de voltar às 10h, e já são 14h da tarde.*

*- Desculpa, mainha. Isso não vai se repetir.*

Ela abre espaço para que eu possa passar. No fim das contas, ser honesto surte um bom efeito; Mainha sempre preferiu uma verdade amarga do que uma mentira agridoce. Ela então me explica que acordou com uma sensação estranha. Uma dor no peito, não necessariamente sintomática, mas de preocupação comigo e com minha irmã mais velha que foi ao trabalho logo cedo e só volta no fim do dia.

Desde que me entendo por gente, a mulher à minha frente tem sensações e sonhos que se materializam, com frequência, a nossa realidade. Não consigo formular nada consistente ou convincente para dizer. Estou igualmente apreensivo. Deixo que ela conclua sua fala, e depois entramos na sala de estar. Mel, nossa cadelinha de sete anos, uma mistura peculiar entre as raças Fox Paulistinha e Poodle, pula em minhas pernas, rodopeia pelo ar e, por fim,

me olha de soslaio; Assim como mainha, ela parece levemente ressentida com minha chegada tardia. Os latidos incessantes parecem ordenar que eu responda o porquê de tanta demora.

Após alguns segundos de cócegas na barriga gorducha e peluda de Mel, vou até meu quarto. O espaço pode ser resumido em uma cama de solteiro desarrumada e meu maior orgulho da vida, uma estante lotada de livros. Jogo a mochila na cama e corro para o banheiro. Tomo um banho rápido, enquanto ouço e canto "Corpocontinente", da cantora Céu. As lembranças da noite passada invadem minha mente, uma felicidade toma cada parte do meu corpo. É impossível não pensar em como é maravilhoso estar ao lado dos amigos e da pessoa que amamos. Compartilhar simples momentos ao lado deles, como a simplicidade de partilhar um balde de pipoca enquanto assistimos um filme ruim do catálogo da Netflix. Voltando para o momento atual, ouço o tilintar de colheres no fundo da panela. Mainha está esquentando o almoço no cômodo ao lado. Ai sair do banho, passo pela entrada da cozinha e a observo por alguns segundos esquentando o purê de batata. O cheiro, como sempre está incrível. Retorno para quarto e me troco o mais rápido que posso. Minha barriga ronca sem constrangimento. Eu estou faminto.

Quando volto para perto de mainha, colocamos nossos pratos e vamos para a sala de estar, para assistir um pouco da série que estamos acompanhando nas últimas semanas. É bonito de presenciar seus comentários e questionamentos no decorrer da cenas. Com frequência ela desvenda, nos minutos iniciais do piloto, o que normalmente só seria decifrado nos últimos segundos do episódio final. Mainha é bastante observadora e inteligente - ela não demora a captar e sentir as coisas e pessoas ao seu redor. Tal qual a música "Não mexe comigo", interpretada por Maria Bethânia, mainha parece se munir de uma força, inteligência e intuição sobrenatural e que perpassa o entendimento humano.

Mas embora ela esteja comprometida com a tela à nossa frente, ainda a sinto tensa. Volte e meia seus olhos vagam pelas paredes da sala, ela parece emergir em pensamentos. Me pergunto se seria um bom momento para explorar mais sobre a sensação que ela disse está sentindo desde que acordou, mas sou surpreendido por conversas aleatórias sobre as tarefas que ela desempenhará na semana que está por vir. Nesse meio tempo, como de costume, pego meu celular e leio algumas notícias em portais locais.

A matéria em destaque no site me deixa boquiaberto. Olho em direção a mainha e ela já está me encarando. Ela me pergunta o que

aconteceu. Eu questiono se posso ler em voz alta. Mainha diz que sim. Enquanto leio a matéria, vejo o espanto preencher sua feição. A cada parágrafo lido, não consigo deixar de lembrar dos inúmeros conselhos que recebi dela sobre não sair nas últimas semanas, inclusive no carnaval. Mainha já cogitava a possibilidade de um pandemia no país, por conta das notícias sobre a cidade chinesa de Wuhan, onde surgiram os primeiros casos de infectados do Novo Coronavírus (Covid-19). Ao concluir a leitura, e voltar meus olhos aos seus, percebo que as palavras estão ali, estampadas em sua expressão, em caixa alta: "EU TE DISSE". Contudo, também consigo enxergar que ela não queria estar certa.

Recife, março de 2020.

## **Protetora**

Ela parece a ponto de sucumbir de tanto medo e preocupação, mas ainda assim demonstra não se deixar abalar completamente. Sua postura é semelhante a de uma leoa prestes a atacar qualquer coisa, pessoa e até mesmo o inimigo invisível que estamos lidando, o vírus, pelo bem de suas crias.

Diante das notícias da propagação dos casos de Covid-19 no estado, e de mortes por conta da doença, mainha se torna uma verdadeira comodante em prol do bem de nossa família.

Ela pede incansáveis vezes para que minha irmã não vá ao trabalho, e vibra de felicidade quando sua filha e os demais funcionários são liberados provisoriamente da função que desempenham na empresa. Confronta meu pai, cara a cara, devido as suas saídas frequentes e discursos desdenhosos em relação ao vírus. Fica apreensiva com minhas idas à casa de um amigo, a poucos metros de distância, para a realização dos trabalhos e projetos da faculdade, já que estou sem notebook e continuo tendo aulas, só que virtuais.

Enquanto vamos sobrevivendo à nova realidade, é impossível não pensar no quanto a mulher de pouca estatura, corpo magro e expressão sofrida, porém esperançosa, é imensamente forte. Conviver com ela, sempre foi e será sinônimo de amor e aprendizado. Com frequência, ela nos faz rir e ter expectativas em relação ao futuro. O otimismo dela não é parecido com o positivismo barato presente nos livros de autoajuda, ou como minha irmã define: ciência aplicada. Quem convive com mainha sabe que, sua visão positiva sobre a vida é correlacionada a uma perspectiva real do mundo ao seu redor. Mainha sonha, deixa-se levar pelas nuvens - contudo mantém um pé firme no solo. Ela desmistifica completamente os conceitos de herói reproduzidos nos quadrinhos. Ela é tanto em uma única pessoa; É a representação mais real e verdadeira que conheço de heroína da vida real. A mulher, de

52 anos, é diabética, pertencente a um dos grupos de risco, mas se preocupa bem mais com o bem de quem ama do que com o seu. Mainha é uma verdadeira sentinela - doa-se e protege os seus sem limitações, restrições ou medo.

Numa tarde, em especial, após ficarmos abalados com informações sobre novos casos de infectados, inclusive com o surgimento de infectados no bairro - ela prepara um lanche e chama a mim e à minha irmã para um cinema em casa. Antes do longa começar, ela olha bem em nossos olhos e diz que nos ama. “Nós te amamos muito também”, respondemos em uníssono. “Minha heroína”, completo mentalmente, enquanto damos início a sessão.

## **Confidente**

Nos primeiros dias era mais fácil. Bastava ir até a janela e passar horas olhando o sol ou o luar. Mas com o passar do tempo, aquilo não era o suficiente. A saudade do mundo externo havia chegado a um nível incalculável, assim como, a quantidade de dias em isolamento. Ao menos em minha mente.

Mainha, em sua sagacidade de decifrar sentimento, começa a puxar conversa sobre o futuro. Certa tarde, enquanto ela lava e eu enxugo os pratos, ela começa a pontuar todos os planos que tinha para o futuro, pós-pande-

mia. No final me questiona são meus projetos. Passo alguns minutos, que parecem horas, em silêncio. Ela respeita o meu espaço, contudo sei que ela espera uma resposta. E eu tinha, mas era tão constrangedora de ser dita. Se ela tivesse me perguntado semanas antes, eu diria que eram fazer uma pós em Cinema e posteriormente um mestrado em História da arte, no exterior. Mas naquele momento isso me parecia fora de nossa realidade, pois estou preso a certeza de que sair desse cenário atual é algo inalcançável. No fim das contas, menciono minha ansiedade em ouvir o primeiro álbum solo de Hayley Williams que seria lançado em alguns dias. Mainha acata minha mudança de assunto. Minha respiração normaliza e até consigo esboçar um sorriso - algo que não fazia há dias.

Ao me organizar para dormir, naquele mesmo dia, sou surpreendido pela presença de minha mãe encostada na porta do quarto, me encarando. Em seus olhos, um misto de curiosidade e preocupação. Esboço um sorriso amarelo, na vã tentativa de fazer com que aquilo fosse o suficiente, mas não cola. Ela se aproxima e me questiona, em tom de cuidado, o que estava acontecendo. Ela sabe de minhas crises de ansiedade e depressão e foi a responsável por me motivar a fazer meses de terapia, e através de nossas conversas sobre o assunto, até então, eu parecia bem. Porém, de umas semanas para cá, venho revivendo alguns momentos

sombrios do passado, especialmente, um período de isolamento voluntário que eu vivenciei.

Tento segurar o choro, mas não consigo. Busco verbalizar, porém as palavras mal saem dos meus lábios e quando o fazem, são entrecortadas. Com toda a paciência do mundo, ela me acolhe em seu abraço. o gesto me dá coragem para deixar todas as máscaras caírem por terra. Falo tudo o que venho sentindo, sem roteirizar as palavras antes de colocá-las para fora. Explico que sinto que a ansiedade e a depressão pareciam ir e vir, sem rodeios. Com a voz mais doce do mundo, ela não tenta comparar minha dor a sua, da minha irmã, pai ou qualquer outra pessoa que conhecemos, mas esclarece que todos estamos sofrendo pela limitação aos muros e janelas e o medo em relação ao momento. Eu completo que também estamos exaustos e raivosos em relação ao atual Chefe de Estado do país. Mainha

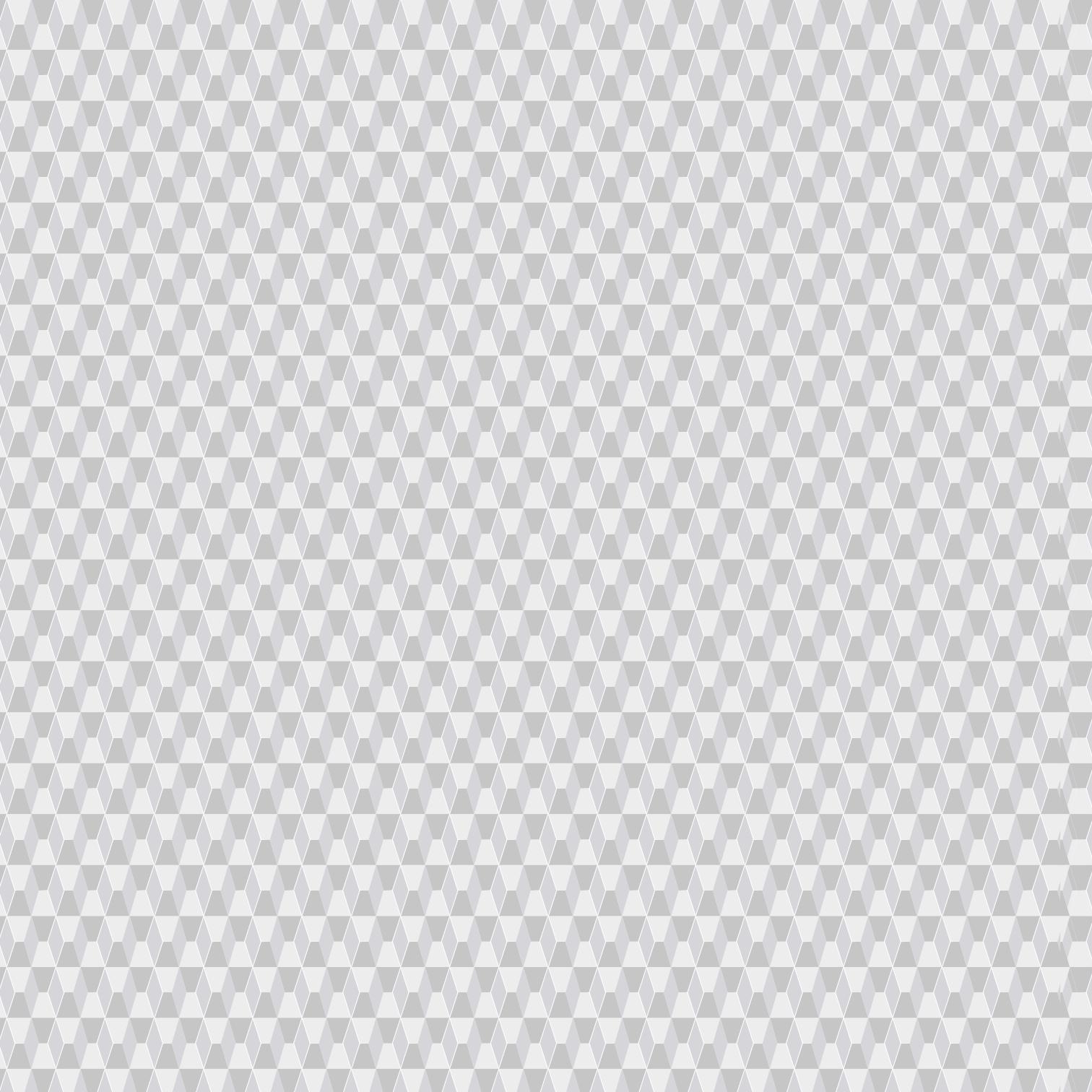
concorda.

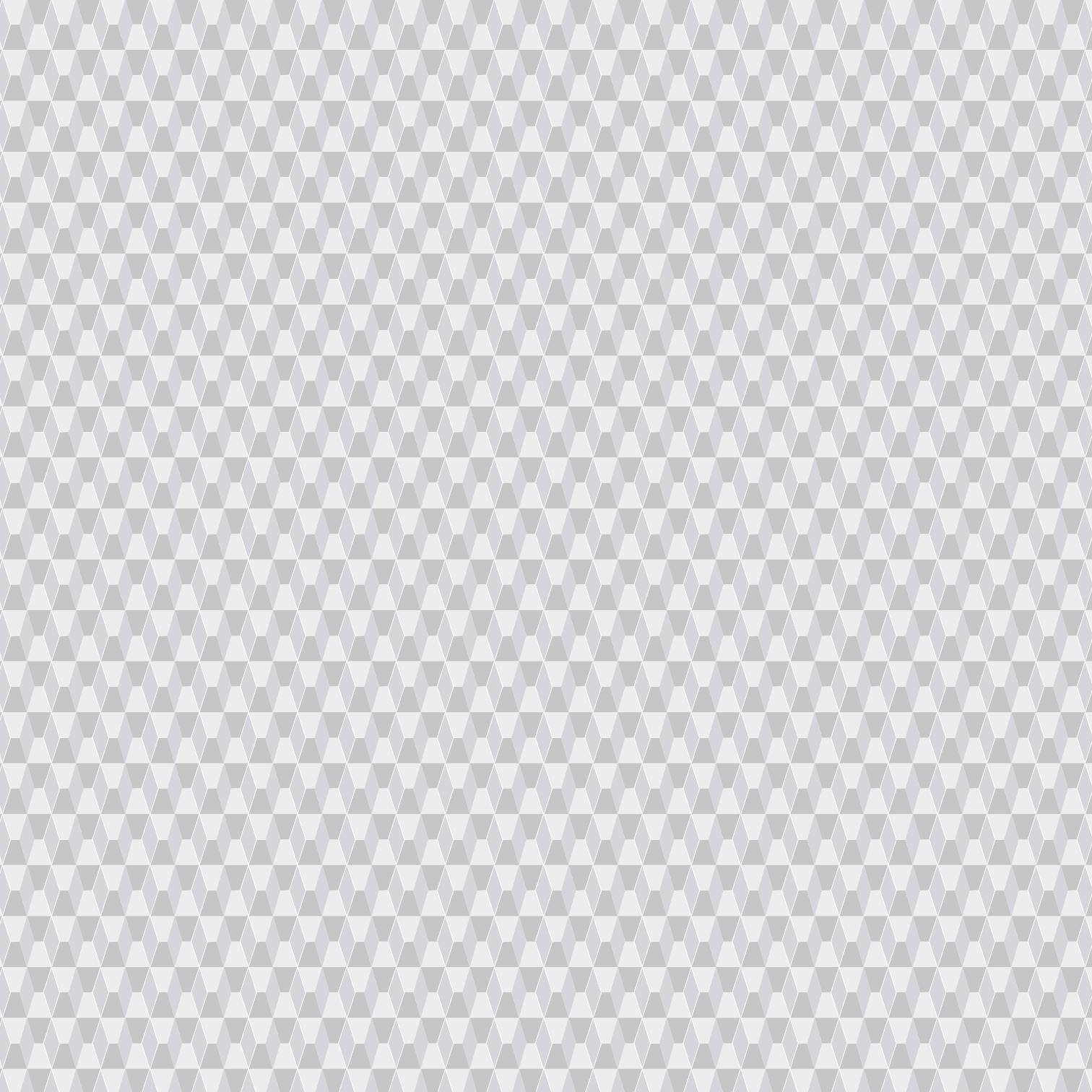
No começo é difícil sequer olhar em seus olhos, ao me despir completamente de meus sentimentos, outrora é aliviador ter alguém para falar sobre os dias imutáveis e incertos que estamos vivendo. Como sempre, mainha é minha melhor confidente. No fim da conversa, eu chego a sorrir. Os olhos cautelosos e cheios de amor em minha direção me indicam que, antes de qualquer coisa, eu não estou sozinho.

*- Vamos superar tudo isso, meu querido. - Fala com firmeza e zelo. - Unidos, meu amor. Juntos somos mais fortes.*

*- Obrigado, mainha. - Digo num misto de choro e risos. - Mil vezes obrigado e mais por ser minha amiga e confidente.*







  
LABCRIATIVO

 | UNIFG  
LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES